

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara – SP

FUNCIONALIDADE DAS PARÁBOLAS E DAS IMAGENS EM ARTIGOS DE OPINIÃO:

UMA PROPOSTA DE LEITURA

Marta Maria Pagadigorria

Araraquara – SP

2011

MARTA MARIA PAGADIGORRIA

**FUNCIONALIDADE DAS PARÁBOLAS E DAS IMAGENS EM ARTIGOS DE OPINIÃO:
UMA PROPOSTA DE LEITURA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa do Departamento de Linguística da UNESP – Campus de Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de doutora.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Araraquara – SP

2011

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Suarez Abreu, por compartilhar comigo esse processo de aprendiz e por ser um interlocutor disposto a oferecer estímulos. Agradeço também o carinho e amizade com que sempre me recebeu.

Deixo dois agradecimentos muito especiais à Prof. Dra. Isadora Valencise Gregolin e à Prof. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini, que em muito contribuíram para que esta dissertação fosse realizada.

Aos membros da banca, por aceitarem o convite para participar desse momento especial.

Quando pensarem que já sabem tudo sobre alguma coisa,
descubra outra maneira de olhar para ela.

(Sociedade dos poetas mortos, 1989 – roteiro de Tom Shulman)

Resumo

Tem esta tese o objetivo de relatar uma pesquisa cujo objeto de análise foi o desenvolvimento de estratégias para capacitar os alunos do ensino médio a aumentar sua proficiência em leitura. O corpus analisado constitui-se de textos que envolvem uma estrutura de parábola, textos em que uma primeira parte narra um evento e, a seguir, a segunda parte projeta esse evento naquilo que de fato é a ideia defendida pelo autor. Esse tipo de texto configura, indiretamente, uma argumentação por analogia e, ao mesmo tempo, a utilização de um recurso de presença, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988). O modelo teórico escolhido foi o da linguística cognitiva e, dentro dele, mais especificamente, a teoria da Integração conceptual ou *blending* conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002).

Metodologicamente trabalhou-se com artigos de opinião publicados na mídia impressa, que foram apresentados a uma classe de alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola pública do Estado de São Paulo. Primeiramente, sem nenhuma explicação, foi pedido que descrevessem o que tinham entendido do texto. A seguir, foi explicado o processo cognitivo de integração entre as duas partes do texto. Antes da explicação, quase sempre os alunos se fixavam na história inicial sem entender o processo global de projeção. Depois da explicação, os alunos conseguiram construir em suas mentes o processo de projeção e entender o que, de fato, o autor pretendia dizer, aumentando bastante sua capacidade de entendimento e interpretação de leitura.

A pesquisa demonstrou que o trabalho com a produção textual a partir desse modelo teórico fundamentado na linguística cognitiva permite ultrapassar a compreensão passiva dos textos, contribuindo para a formação de alunos.

A contribuição da pesquisa pode ser constatada na produção textual feita pelos alunos após a explicação das estratégias cognitivas. Houve um progresso na compreensão mais ampla dos textos como também no entendimento dos recursos cognitivos que possibilita aos alunos empregá-los em outros textos.

Abstract

The aim of this thesis is to expose a research whose objective was to develop high school students' ability through strategies for increasing their reading skills. Its focus was texts involving parable structures. The first part of these texts narrates an event and, next, the second part projects this event onto what the idea defended by the author actually is. This kind of text sets out, indirectly, an argumentation by analogy and, at the same time, the use of a presence resource, according to Perelman and Olbrechts-Tyteca (1988). The chosen framework was the cognitive linguistics, more specifically, the conceptual integration theory or conceptual blending developed by Fauconnier and Turner (2002).

Texts such as those, articles published in the press media, were presented to two groups of students in the 1st grade of high school, in a public school of São Paulo state. Firstly, without any explanation, the students were only asked to describe what they had understood from the text. Next, it was explained the integration cognitive process between the two parts of the text. Before the explanation, the students almost always focused on the initial story, with no awareness about the global projection process. After the explanation, the students achieved to set up in their minds the projection process and to understand what, in fact, the author intended to say, and thus raising a lot their ability at understanding and interpreting reading.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	3
Epígrafe.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	9
Capítulo 1 – Algumas palavras sobre linguística cognitiva.....	14
Capítulo 2 – Histórias, parábolas e provérbios.....	18
2.1. A lei da causalidade e a procura de um agente.....	18
2.2. Funções da parábola.....	23
2.3. A parábola como recurso de presença.....	29
2.4. Os provérbios.....	31
Capítulo 3 – Mente corporificada, esquemas de imagem, metáforas e espaços mentais.....	34
3.1. Esquemas de imagem.....	35
3.2. Metáforas conceptuais.....	41
3.3. MIC's ou modelos cognitivos idealizados.....	44
3.4. Molduras comunicativas.....	44
3.5. Metáforas orientacionais ou primárias.....	47
3.6. Metáforas complexas.....	50
3.7. Metáforas ontológicas.....	51
3.8. Metáforas e parábolas como recurso de presença.....	52

3.9. Metáforas como recurso retórico.....	53
3.10. Metáforas e valores.....	54
3.11. Projeções metafóricas.....	54
Capítulo 4 – Teoria dos Espaços Mentais.....	57
4.1. Space builders.....	58
Capítulo 5 – Teoria da integração conceptual e suas aplicações.....	61
5.1. Integração conceptual como processo de esfriamento.....	68
5.2.Integração conceptual e criatividade.....	68
5.3.Integração conceptual na propaganda.....	70
5.4. Integração conceptual na criação de espaços referenciais.....	72
5.5.Integração conceptual e argumentação.....	73
5.6.Integração conceptual e desintegração ou desabilitação de elementos do frame do conto de fadas.....	74
5.7. Integração conceptual em textos jornalísticos.....	75
5.8.Integração conceptual da parábola no texto jornalístico de opinião.....	79
Capitulo 6 – Aplicação da parábola e das imagens à prática de leitura no ensino mé- dio.....	84
Conclusão.....	115
Referências Bibliográficas.....	118

Introdução

Em meu mestrado trabalhei com a utilização dos chamados recursos de presença nas crônicas de Millôr Fernandes. Aprendi, com isso, a importância das parábolas e das metáforas como matéria prima para criar o “estranhamento literário” dentro desse gênero. Nas minhas análises, pude perceber também a força argumentativa desses processos. Os resultados alcançados na pesquisa anterior sinalizaram a importância de se explorar os mecanismos retóricos criados a partir da projeção de parábolas e imagens em textos jornalísticos de opinião. Minha escolha por esse gênero textual ocorreu porque, nesse tipo de texto, essas estratégias costumam ser amplamente utilizadas. Em termos pedagógicos há também outro fato considerável nessa escolha: a opção por narrativas curtas, o que permite ao aluno numa mesma aula a experiência da leitura, a reflexão, a observação da força persuasiva que esses recursos acrescentam ao texto, tornando-o mais convincente. O aluno deve perceber isso, e é essa percepção que vai movimentar a sua imaginação.

Num primeiro momento, fizemos em classe apenas a leitura dos textos escolhidos e solicitei uma compreensão textual. Os alunos fizeram resumos, paráfrases, porém não fizeram uma ponte entre a primeira e a segunda história. A projeção que deveria ter sido feita pelo aluno entre uma história e outra não se realiza. Nesse sentido, a compreensão do texto deixa a desejar, visto que, de uma maneira geral, eles só se preocupavam em recuperar apenas a primeira história. O sentido do texto acabava sempre sendo prejudicado, pois a parábola nos artigos de opinião não deve ser desprezada, pois, trata-se de um importante recurso cognitivo da argumentação.

Não é surpresa para ninguém a grande dificuldade que os professores enfrentam na tentativa de realizar um bom trabalho com os alunos no que se refere à compreensão de leitura. Estes chegam até nós com grandes dificuldades de escrita, de

entendimento e pouquíssimo conhecimento de mundo. São o resultado de uma progressão continuada que, infelizmente, nos coloca diante de um problema muito sério: o analfabetismo funcional.

Diante disso, resolvi trabalhar com os textos, ensinando aos alunos os principais processos argumentativos. A pesquisa foi composta por 71 estudantes da 1ª ano do ensino médio. O primeiro passo desse trabalho foi apresentar a eles a concepção de metáfora proposta por Lakoff e Johnson na obra *Metaphors we live by*, 1980. Antes dessa conversa, eles já haviam estudado a metáfora como figura de linguagem e é essa concepção tradicional que até hoje se encontra nos livros didáticos, que apresentam a metáfora apenas como um recurso poético, opondo o sentido figurado ao sentido literal.

Lakoff e Johnson (1980) revolucionam o que havíamos aprendido sobre as figuras de linguagem. Os autores nos apresentam a metáfora como um recurso cognitivo amplamente utilizado por nós no nosso dia a dia e defendem a ideia de que a metáfora estrutura nosso pensamento, uma vez que qualquer pessoa, mesmo sem nenhuma escolaridade, fala por metáforas, costumeiramente. Nós nos comunicamos por metáforas o tempo todo, e nem ao menos percebemos que a linguagem acontece dessa forma. Foi uma surpresa para os alunos essa afirmação. Sugerimos alguns exemplos triviais da vida diária, como:

Estou tão para baixo hoje.

Hoje estou com a cabeça cheia.

Se eu não entregar o trabalho até amanhã, vou para o paredão.

Depois de algumas aulas, os alunos já estavam mais preparados para observar e mesmo utilizar em seus textos, a partir de instrumentos da linguística cognitiva, os recursos e a funcionalidade argumentativa das parábolas e imagens. Os textos foram entregues novamente a eles e houve um progresso considerável. A reescrita textual dos alunos comprovou que eles entenderam as estratégias de projeção das parábolas e imagens, e esse aprendizado foi de suma importância para o seu aprimoramento, uma vez que esse recurso, uma vez compreendido, proporciona ao discente entendê-lo, também, em outros textos.

Meu objetivo, com essa metodologia, foi fazer com que os alunos fossem capazes de, tendo entendido a natureza de um primeiro trecho de um texto, possam projetá-lo em sua segunda parte, construindo o sentido da parábola. Estudamos a metáfora sob uma perspectiva Cognitivo-funcional e as atividades práticas foram desenvolvidas em sala de aula, para que os alunos percebessem que poderiam usá-la como importante ferramenta no processo argumentativo.

Procurei demonstrar como as parábolas e imagens podem influir no aspecto retórico dos assuntos tratados. Dessa forma, minha contribuição consistiu em fazer com que o aluno aumentasse sua capacidade de leitura por meio da aquisição da competência em “decifrar” parábolas e imagens, o que teve como consequência ampliar o conhecimento enciclopédico de mundo dele, com efeito de capacitá-lo mais adequadamente ao exercício da leitura.

Sabemos que o conhecimento só se concretiza quando o leitor se torna apto a ressignificar o texto que leu. Esse fator é de suma importância, pois, é por meio da reflexão e da leitura crítica, que o leitor pode ser levado, de forma consistente, a construir o seu discurso. Como diz Koch (2002, p. 30):

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que **o sentido não está no texto**, mas se constrói **a partir dele**, no curso de uma interação. Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora do *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Todos sabemos que o grande desafio na área da educação na contemporaneidade é o combate ao analfabetismo funcional; em outras palavras, estamos falando das pessoas que não conseguem fazer a leitura consistente de um texto ou apresentam dificuldades para escrever um texto. Embora seja um fenômeno mundial, no Brasil, estatísticas mostram uma porcentagem alarmante; 70% da população economicamente ativa se encontra nessa situação. A UNESCO define como analfabetos funcionais as pessoas que sabem ler e escrever frases simples, porém não possuem as habilidades e competências necessárias para as demandas do século XXI. Essa incompetência está na incapacidade de compreender, contextualizar e estabelecer correlações a partir de uma informação.

Com toda a tecnologia que é oferecida nos dias de hoje, o que falta aos nossos alunos não é informação. Basta clicar o mouse na internet e tudo está lá, mas é preciso saber selecionar informações seguras, interpretá-las e usá-las. É preciso saber transformar informação em conhecimento. Portanto, é necessário trabalhar o senso crítico dos alunos, para que eles sejam capacitados a exercer a vigilância epistêmica

e, dessa forma, evitar a alienação e a massificação. Os próprios PCNs (Planos Curriculares Nacionais) põem ênfase nesse aspecto:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental : língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. (MEC/ SEF , 1998, PP.69-70.)

Capítulo 1

Algumas palavras sobre a linguística cognitiva

Tem o presente capítulo, o objetivo de fazer uma breve mas necessária exposição a respeito do modelo teórico da Linguística Cognitiva e de seus principais tópicos. Faço isso não apenas porque alguns deles serão utilizados na análise dos meus dados, mas também porque é um modelo teórico relativamente novo no Brasil, não havendo ainda praticamente literatura a respeito em língua portuguesa.

A linguística cognitiva surgiu nos finais da década de 70 e princípios de 80, abordando a linguagem como parte integrante da cognição e em conexão com a experiência humana do mundo. Os principais domínios de investigação dessa ciência são: categorização, protótipos, metáforas e metonímias conceptuais, esquemas imagéticos, modelos cognitivos e culturais. Importante dizer que a linguística cognitiva não é uma teoria única e sim um conjunto de abordagens e de análises teóricas que são compatíveis entre si metodologicamente.

Os principais expoentes dessa abordagem Lakoff (1990), Langacker (1991), Leonard Talmy (2005), Turner (1996) e Johnson (1980). Um grande nome também surgiu na psicolinguística, Eleanor Rosch, que fez uma importante investigação sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização.

A linguística cognitiva difere dos dois paradigmas anteriores (estruturalismo e o gerativismo). Os estruturalistas colocavam em foco a estrutura interna da língua e não o modo como a língua se relaciona com o mundo. Os gerativistas privilegiavam a sintaxe. Para eles o conhecimento da linguagem é independente de outros tipos de conhecimento. A linguística cognitiva discorda da autonomia da lin-

guagem. Ela também inovou ao acrescentar os níveis transfrásticos na análise de descrições linguísticas (texto, enunciação, discurso). A análise funcionalista, vinculada à linguística cognitiva, defende o caráter funcional da linguagem, de forma que este só pode ser observado em um texto na interação discursiva. Integrado à análise linguística, temos o contexto.

Segundo a proposta cognitivista, a linguagem não se limita a simples faculdade comunicativa; é entendida como um domínio cognitivo que interage com outros domínios. Ela conceptualiza a realidade e reflete essa conceptualização. Portanto, para analisá-la, teremos que investigá-la de uma forma interdisciplinar, e devemos fazer isto buscando nas inúmeras áreas de estudo das Ciências Cognitivas. O campo se beneficia da produção de vários métodos complementares de pesquisa. Pesquisadores da linguística, Psicologia, Sociologia, Antropologia e as Neurociências, todos primam por aprofundar o conhecimento da cognição humana, visto que a mente humana é um sistema complexo envolvendo a aquisição, o armazenamento, a transformação e a transmissão de informações. Segundo Fauconnier (1998, p. 96):

A linguagem é apenas a ponta de um espetacular iceberg cognitivo e, quando nos empenhamos em qualquer atividade de linguagem, seja ela comum ou artisticamente criativa, buscamos, inconscientemente, imensos recursos cognitivos, trazemos à lembrança inúmeros modelos e “frames”, estabelecemos múltiplas conexões, agregamos uma grande quantidade de informação, e nos empenhamos em mapeamentos criativos, transferências e elaborações. (Fauconnier, Gilles, p.96).¹

Essa teoria busca descrever os mecanismos das operações cognitivas com base na experiência da linguagem em uso. Tem como foco entender o pensamento hu-

¹ Language is only the tip of spectacular cognitive iceberg , and when we engage in any language activity , be it mundane or artistically creative, we draw unconsciously on vast cognitive resources, call up innumerable models and frames, set up multiple connections, coordinate large arrays of informations, and engage in creative mappings, transfers, and elaborations.

Todas as traduções desta tese são de minha autoria.

mano. Compreende o fenômeno da linguagem como resultado da experiência física, social e cultural de um indivíduo. Procura explicar de que forma o pensamento é representado e organizado, como acontece o processamento da linguagem e da aprendizagem, os mecanismos de apreensão da vivência biológica, cultural e social.

As ciências cognitivas postulam que nosso raciocínio atua por meio de frames, metáforas conceptuais e blendings. Essas estruturas nos permitem a organização do pensamento, dentro daquilo que Fauconnier chama de espaços mentais. Diz ele:

Grande parte do nosso pensamento é inconsciente – ou seja, é fundamentalmente inacessível à nossa introspecção direta e consciente. A maioria dos nossos pensamentos cotidianos nos acontece muito rapidamente e em nível muito baixo em nossa mente para ser acessível. (...) Todos nós temos sistemas conceptuais que usamos quando pensamos, mas não podemos nos posicionar conscientemente sem esse inventário de conceitos. Podemos chegar rapidamente a conclusões numa conversa, mas não temos acesso consciente a cada inferência aos nossos mecanismos inferenciais durante a produção de inferências, que é colossal a cada segundo. Todos nós falamos uma língua que tem uma gramática, mas não juntamos as sentenças conscientemente palavra por palavra, conferindo, conscientemente, se estamos seguindo as regras gramaticais de nossa língua. Para nós, parece fácil: falamos, escutamos e fazemos inferências sem o menor esforço. Mas o que acontece em nossa mente, atrás das cenas, é altamente complexo e extremamente inacessível à nossa consciência. (LAKOFF e NÚÑEZ, 2000, apud COSCARELLI p.27).

Diz, também, Koch (2002, p. 37) a esse respeito:

De qualquer forma, um princípio básico da Ciência Cognitiva é que o homem representa mentalmente o mundo que o cerca de uma maneira específica e que, nessas estruturas da mente, se desenrolam determinados processos de tratamento, que possibilitam atividades cognitivas bastante complexas. Isto porque o conhecimento não consiste apenas em uma coleção estática de conteúdos de experiência, mas também em habilidades para operar sobre tais conteúdos e utilizá-los na interação social.

O trabalho com leitura e produção de texto na escola pode ser desenvolvido a partir de estratégias que levaram o aluno a posicionar-se de forma menos passiva diante daquilo que lê ou escreve. No próximo capítulo, apresentarei conceitos e noções da linguística cognitiva que nortearam este trabalho.

Capítulo 2

Histórias, parábolas e provérbios

Turner (1996) fala-nos das pequenas histórias que vivenciamos e também daquelas de que somos meros observadores. Nós fazemos pequenas coisas no nosso dia a dia que constituem pequenas histórias: pela manhã deixamos nossa casa em direção ao trabalho; tomamos café com nossos colegas; mais tarde nos dirigimos a um restaurante. Enquanto experienciamos nossas histórias, vamos observando outras histórias que acontecem à nossa volta: um garoto que atravessa à frente do nosso carro, uma velha senhora que entra na padaria, enfim, várias coisas acontecendo concomitantemente. Geralmente, é possível identificar atores, os indivíduos que praticam a ação, de atravessar a rua, de entrar na padaria.

2.1. A lei da causalidade e a procura de um agente

A ciência cognitiva assume o postulado kantiano da lei da causalidade, em nossos eventos diários, como parte de nossas consciências. Em seu famoso livro “O Mundo de Sofia”, Jostein Gaarder ², nos dá um exemplo bastante esclarecedor:

- Imagine um gato deitado no chão do quarto. Imagine, então uma bola rolando pelo chão. O que o gato faz neste caso?
- Já fiz esta experiência. O gato corre atrás da bola.
- Certo. Agora imagine que, em vez do gato, você esteja no quarto. Se de repente você vê uma bola rolando, você sai correndo atrás dela?
- Primeiro eu me viro para ver de onde a bola veio.
- Sim, isto porque você é uma pessoa e quer necessariamente saber a causa daquele acontecimento. A lei da causalidade faz parte, portanto, da sua constituição.

² Jostein GAARDER. *O Mundo de Sofia*, p. 350.

Segundo Turner (1996), é comum, nas pequenas histórias que vivenciamos, procurarmos sempre por um agente e, mesmo quando não há um agente animado, projetarmos uma causa como agente nesses eventos. Por isso é extremamente comum ouvirmos frases como:

Chuva castiga a cidade de São Paulo.

Medo fecha escolas no Rio.

Tremor mata 400 na China.

É dessa forma que conceptualizamos muitos elementos como se fossem pessoas, atribuímos a eles características humanas e os descrevemos como seres benéficos, maléficos, todo-poderosos etc.

De acordo com Walty, Fonseca e Cury (2000), as histórias fazem parte da humanidade desde os primórdios da existência. O homem pré-histórico fixava a imagem dos animais que costumava caçar nas paredes das cavernas onde morava, provavelmente com o intuito de construir uma narrativa, pois, muitas vezes, esses desenhos seriados podem ser interpretados como histórias.

Esses desenhos, chamados rupestres, não eram apenas uma forma de o homem se comunicar, era também uma maneira de controle desse homem sobre aquilo que fazia parte do seu dia a dia, já que a imagem era tida como parte da própria coisa. Há hipóteses de que, antes de saírem para uma caçada, os homens primitivos costumavam desenhar o animal que desejavam que estivesse sob seu controle. Era uma espécie de ritual que tinha como objetivo garantir a abundância de animais a serem caçados.

Na pintura rupestre, a imagem colava-se a coisa representada. Na atualidade, podemos observar esse mesmo procedimento nos rituais de magia negra. Um boneco representa uma pessoa, perfura-se o corpo dele, para atingir o corpo físico desta pessoa.

Quando chegou à civilização, há 3 200 anos a. C., a escrita, os seres humanos já tinham o hábito de viver e contar histórias.

A Grécia antiga, séculos depois, é considerada até hoje pelos historiadores como uma das principais civilizações do Ocidente. Os gregos desenvolveram a filosofia, as artes, a tecnologias, os esportes, principalmente em Atenas, no século V a. C, também conhecido como período clássico da Grécia. Os filósofos que merecem destaque naquele momento são Platão, Sócrates e Aristóteles.

O teatro grego surgiu nesse período para contar histórias. Os gregos tinham grande inclinação para essa arte. Surge, por essa época, o ditirambo, uma espécie de homenagem ao Deus Dionísio (deus do vinho). Esse gênero era formado por um coro, em que havia as corentas e um corifeu. Dançavam todos, cantavam e também contavam histórias. Esse modo de representação sofreu uma modificação, com o surgimento do diálogo entre as corentas e o corifeu. Dessa forma, cria-se a ação na história e aparecem os primeiros textos teatrais.

Os atores usavam máscaras. As comédias, dramas, e sátiras retratavam, principalmente, o comportamento e os conflitos do ser humano. Os dois grandes escritores dessa época são Ésquilo e Sófocles.

A tragédia não tinha essa acepção da atualidade de “acontecimento doloroso”. Aristóteles foi o primeiro a estudar o impacto dos espetáculos teatrais. Em sua defi-

nição, temos a tragédia como uma representação imitadora de uma ação séria, concreta, de certa grandeza, representativa e não narrada, por atores, em linguagem elegante, empregando um estilo diferente para cada uma das partes, e que, por meio da compaixão e do horror, provoca o desencadeamento de tais afetos.

A obra de arte sempre deveria provocar a catarse, a purgação das emoções dos espectadores. Funcionaria como um remédio para a alma, pois ajudaria as pessoas, ao presenciarem a história, a se livrar de seus sofrimentos.

Na mitologia, os gregos criaram uma infinidade de mitos, histórias para poder passar mensagens para as pessoas e também com a finalidade de preservar sua civilização. Para muitos acontecimentos e também para grande parte dos fenômenos da natureza, eles não podiam contar com explicações científicas. Por isso, criaram inúmeras histórias de origem imaginativa buscando um significado divino (agentivo) para os fatos. Essas histórias eram transmitidas por meio da literatura oral. Eles criaram uma diversidade de deuses, ninfas, heróis que faziam parte do mundo material e influenciavam suas vidas. Grande parte dessas lendas e mitos tornou-se importante fonte de informação para a compreensão da história da civilização da Grécia antiga.

É atribuída a Homero a autoria dos dois grandes textos épicos ocidentais: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Teriam surgido no século VIII a. C., ao fim de uma longa tradição oral. Supõe-se que a *Odisseia* foi precedida pela *Ilíada* em 50 anos.

A *Ilíada* conta a história da Guerra de Troia. Nessa história, os deuses participam ativamente da guerra, levando o homem a refletir sobre sua vida em relação à vida dos deuses. Essas duas grandes obras constituem os pilares da literatura oci-

dental. Os temas abordados nesses relatos são universais e, até hoje, exercem influência na nossa maneira de pensar.

A *Ilíada* é o primeiro registro escrito que temos da Grécia. Por isso é tão importante tanto cultural como historicamente. Essa obra exerceu forte influência na cultura clássica, foi estudada na Grécia, fazia parte da educação básica e, posteriormente, no Império Romano. Influenciou autores clássicos como Virgílio na *Eneida* e Camões em os *Lusíadas*. Muitos a consideram como a “obra fundadora” da literatura ocidental e, também, como uma das mais relevantes da literatura mundial.

Na literatura oriental, não podemos deixar de falar da grande obra clássica. *As Mil e uma Noites*. Trata-se de uma coleção de contos orientais, compilados por volta dos séculos XIII e XVI. Os contos são interligados, buscando deixar o leitor sempre à espera do conto seguinte. O livro só se tornou conhecido no Ocidente em 1704, por meio do orientalista francês Antoine Galland.

Preservada pela tradição oral de diversos povos da Pérsia e da Índia, essas histórias ficaram famosas no mundo todo. Quem é que nunca ouviu falar de Sherazade que mudou a história de seu reino por ser capaz de encantar o rei e evitar a morte dela, justamente pelo seu talento na arte de contar histórias?

Pode o tempo passar, mas o que podemos perceber é que as histórias continuam fortemente presentes na vida das pessoas. É inimaginável uma sociedade em que elas não estejam presentes.

Atualmente, as histórias ganharam outros suportes, como a televisão, o cinema, a web e continuam, como nos velhos tempos, influenciando, emocionando, fazendo parte da vida das pessoas. As novelas, os filmes, o teatro são importantes no

nosso dia a dia. Somos transportados da nossa realidade para o mundo da ficção e interagimos com as histórias. Um indicador de sua importância é a disputa extremamente acirrada dos filmes em busca do Oscar (premiação mais famosa do cinema que a Academia de Artes e Ciências cinematográfica de Los Angeles para prestigiar e divulgar a indústria cinematográfica norte-americana).

2.2.Funções da Parábola

Parábola, originária do grego *parabole*, significa uma narrativa curta ou apólogo. Sua característica é ser protagonizada por seres humanos e possuir sempre uma razão moral que pode aparecer tanto implícita como explicitamente. Há muito tempo vem sendo utilizada para ilustrar lições de ética por vias simbólicas ou indiretas. Esse tipo de história sempre fez parte da cultura humana. Cristo utilizava parábolas para ilustrar o Evangelho.

No campo filosófico, temos a tão conhecida alegoria da caverna, em que Platão dialoga com Gláucon a respeito do verdadeiro conhecimento. Trata-se de uma parábola que nos faz refletir sobre o que entendemos por verdade. O filósofo nos conta a história de pessoas que vivem presas em uma caverna. Esses prisioneiros só conseguem mover a cabeça, pois se encontram acorrentados. Por conta dessa situação, sem contato com o mundo exterior, permanecem presos ao obscurantismo. Tudo o que conseguem ver, refletido na parede da caverna, são apenas as sombras do que existe lá fora e por essa razão acreditam ser a única realidade.

Quando um dos cativos consegue sair da caverna, simplesmente mal pode abrir os olhos, ofuscado por tanta luz. Aos poucos, porém, ele se adapta e sente-se imensamente feliz, pois agora é capaz de enxergar a realidade. Ao reconhecer que se libertou da escuridão, mas que seus companheiros ainda estão lá acorrentados às

ilusões, resolve voltar na tentativa de mostrar aos outros sua grande descoberta. Mas, os que ficaram presos à caverna põem em dúvida a existência desse outro mundo e ele é hostilizado pelos habitantes da caverna.

Neste nosso trabalho utilizo parábola, num sentido bastante amplo, como qualquer narrativa que seja utilizada como projeção em uma outra situação. Vejamos, a título de exemplo, uma parábola aparece no início de um livro sobre Administração de Empresas escrito por Kaplan e Norton (1997, p. 1 – 2):

Medidas e Gerenciamento na Era da Informação

Imagine-se entrando na cabine de um moderno avião a jato onde houvesse apenas um único instrumento. Como você se sentiria após a seguinte conversa com o piloto?

P: Não imaginei que você pilotasse o avião com um único instrumento. O que ele mede?

R: A velocidade do ar. Estou controlando rigorosamente a velocidade do ar neste voo.

P: Ótimo. A velocidade do ar deve ser importante. Mas e a altitude? Um altímetro não ajudaria?

R: Aprendi a controlar a altitude nos últimos vãos e já sou um mestre nisso. Agora tenho que prestar atenção na velocidade do ar.

P: Mas você nem tem sequer um medidor de combustível. Não seria útil?

R: Claro; o combustível é importante, mas não consigo me concentrar em tantas coisas ao mesmo tempo. Por isso, neste voo a minha preocupação é com a velocidade do ar. Quando aprender a dominá-la tão bem quanto a altitude, vou me dedicar ao consumo de combustível nos próximos voos.

Acreditamos que, depois dessa conversa, você não embarcaria mais. Mesmo que o piloto mostrasse um desempenho excepcional no controle da velocidade do ar, você morreria de medo de se chocar com montanhas altas ou ficar sem combustível. Obviamente, essa conversa é uma fantasia, pois nenhum piloto se ariscaria a comandar uma nave complexa como um avião a jato por espaços aéreos congestionados com o auxílio de um único instrumento. Pilotos experientes processam informações provenientes de um sem-número de indicadores com naturalidade. No entanto, conduzir as organizações modernas em meio a um ambiente competi-

vo complexo é , no mínimo, tão complicado quanto pilotar um avião a jato. Por que deveríamos acreditar que os executivos podem se contentar com um conjunto incompleto de instrumentos para dirigir suas empresas? Os executivos, assim como os pilotos, precisam de indicadores sobre vários aspectos do ambiente e desempenho organizacional, sem o que não teriam como manter o rumo da excelência empresarial.

O *Balanced Scorecard* (BSC) oferece a esses executivos os instrumentos de que necessitam para alcançar o sucesso no futuro.

Nesse exemplo, a parábola do avião foi utilizada como função retórica, cujo objetivo é convencer seu público alvo, de que o *Balanced Scorecard* pode contribuir para que ele possa administrar melhor sua empresa.

O ponto de partida teórico desse trabalho considera que, tanto as parábolas quanto as imagens são recursos cognitivos utilizados pela espécie humana como categorias de conhecimento. Nesta pesquisa, utilizo principalmente a parábola como projeção de uma história em um acontecimento conjuntural. Essa história pode ser uma lembrança pessoal de quem escreve, fatos históricos conhecidos ou desconhecidos ou ter natureza ficcional. Busquei fundamentação teórica em Turner (1996) que nos diz:

Os trabalhos escritos chamados de narrativas ou histórias podem ser postos em estantes numa seção especial das livrarias, mas o instrumento mental que eu chamo de narrativa ou história é básico para o pensamento humano. Os trabalhos literários conhecidos como parábolas podem ter seu lugar dentro da ficção, mas o instrumento mental que eu chamo de parábola tem a maior utilidade no uso diário da mente. (1996, p.7)³

³ Written works called narratives or stories may be shelved in a special section of the bookstores, but the mental instrument I call narrative or story is basic to human thinking. Literary works known as parables may reside within fiction, but the mental instrument I call parable has the widest utility in the everyday mind.

Diz também:

História, projeção, e parábola trabalham por nós; elas tornam possível nossa vida diária, elas são a origem do pensamento humano; elas não são apenas – ou até mesmo decisivamente – um entretenimento. (op. cit. p. 12)⁴

Acrescenta:

A parábola começa com a imaginação narrativa — o entendimento de um complexo de objetos, eventos e atores organizados por nosso conhecimento da história. Combina-se história com projeção: uma história é projetada na outra. A essência da parábola é sua combinação intrincada de duas de nossas formas de conhecimento — história e projeção. Essa combinação clássica produz um de nossos processos mentais mais perspicazes para construir significado. A evolução do gênero parábola não é, desse modo, nem acidental nem exclusivamente literária: constrói-se, inevitavelmente, a partir da natureza de nossos sistemas conceituais. As motivações para parábola são tão fortes quanto às motivações para a visão da cor, para a estrutura da sentença ou para habilidade de acertar com uma pedra um objeto distante. (op. cit. p. 5).⁵

⁴ Story, projection, and parable do work for us; they make everyday life possible; they are the root of human thought; they are not primarily – or even importantly – entertainment.

⁵ Parable begins with narrative imagining — the understanding of a complex of objects, events, and actors as organized by our knowledge of story. It then combines story with projection: one story is projected onto another. The essence of parable is its intricate combining of two of our basic forms of knowledge — story and projection. This classic combination produces one of our keenest mental processes for constructing meaning. The evolution of the genre of parable is thus neither accidental nor exclusively literary: it follows inevitably from the nature of our conceptual systems. The motivations for parable are as strong as the motivations for color vision or sentence structure or the ability to hit a distant object with a stone.

Turner (op. cit), ao defender que a mente é literária, diz que nosso pensamento é constituído pelas histórias que se cruzam. Isso nos permite um aprendizado com base nas histórias com as quais tivemos contato. Elas constituem uma atividade cognitiva fundamental. Somos capazes de construir uma infinidade de sequências narrativas e projetá-las nas mais diferentes situações. Quando interagimos com outras pessoas, acessamos nosso domínio cognitivo, ou seja, o local onde todas as experiências que vivemos ficam armazenadas, numa espécie de arquivo. Esse conceito provém da teoria sócio-cognitiva, que também trabalha outros conceitos como: espaço genérico, espaço mental, mescla e inferenciação.

Espaços genéricos: São esquemas conceptuais configurados de forma mais abstrata contendo elementos de dois inputs: um provindo do domínio de origem e outro, do domínio alvo. Numa metáfora como: “Minha mãe é uma rocha”, o espaço genérico conterá elementos do input rocha, como: dureza, resistência, peso e do input mãe, como: dar à luz, cuidar, nutrir etc.

Espaço mental: Fauconnier em entrevista (COSCARELLI,2005) , define espaços mentais como pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos.

Mescla: É o espaço no qual elementos dos espaços iniciais (inputs) são parcialmente projetados. Apresenta uma estrutura emergente própria que não é a estrutura fornecida pelas entradas.

Inferenciação : Fauconnier em entrevista (COSCARELLI,2005) nos diz que a inferência é um termo da lógica que remete a Aristóteles e ao fato de haver padrões de pensamento. Como exemplo, cita a premissa “todos os homens são mortais e, se “Sócrates é homem”, podemos inferir que “ele é mortal”.

“ Dessa forma, nós sabemos coisas sobre os frames que podemos chamar de inferenciação no sentido de que nós podemos inferi-las. Se, por exemplo, alguém sai pela porta deste escritório, nos inferimos que agora esta pessoa está do lado de fora do escritório. Ficaríamos surpresos se abríssemos a porta logo em seguida e a pessoa tivesse desaparecido ou se fôssemos informados de que ela agora está na Austrália”.

Segundo Lakoff e Turner (2002), o nosso sistema conceptual se baseia na nossa experiência de mundo e, a partir dela, construímos nossa linguagem. De acordo com esses autores, as histórias são instrumentos fundamentais do pensamento e nossa capacidade racional depende dela.

Turner afirma que vivenciamos uma infinidade de histórias no ambiente em que interagimos diariamente, as quais ele chama de “proto-narrativas”. Essas se projetam e vão constituir os domínios conceptuais básicos para a construção dos significados.

Turner (1996) nos diz que a mente desenvolve uma atividade diária e fundamental que são as projeções de uma história em outra, ou seja, as parábolas:

Nós poderíamos, portanto, pensar que contar histórias é uma ação particular em vez de uma atividade mental constante. Mas história como atividade mental é essencial ao pensamento humano. Os tipos de história que são mais essenciais para o pensamento humano produzem experiências que nos impressionam inteiramente, mas nós raramente nos damos conta dessas histórias em si, ou da maneira como funcionam, porque elas estão sempre presentes.⁶

⁶No original: We might therefore think that storylling is a special performance rather than constant mental activity. But story as a mental activity is essential to human thought. The kinds of stories that are most essential to human thought produce experience that is completely absorbing, but we rarely notice those stories themselves or the way they work because they are always present.

2.3. A parábola como recurso de presença

Fauconnier, em entrevista, (COSCARELLI, 2005) assevera que a imaginação está na raiz da maior parte do que fazemos. Ela está presente ao contarmos uma história, ao produzirmos um filme, no simples fato de termos alguma ideia. Mas ela está também na raiz dos avanços científicos. Como exemplo, cita a teoria da Relatividade de Einstein.

A peça central dessa faculdade da imaginação dos homens é a capacidade de integração conceitual avançada, e as mesclagens conceptuais de duplo escopo, em particular, são um dos motores da imaginação. É uma das coisas que faz a imaginação humana tão perceptível para nós, mas também, certamente, muito mais notável para o resto do mundo, no sentido de que de nossa imaginação, para bem ou para mal, surgem todos os tipos de coisas. O mundo é diferente porque a partir das integrações que fazemos, acabamos por mudá-lo em vários sentidos. (FAUCONNIER, apud COSCARELLI, 2005).

As histórias são tão importantes para as nossas vidas que o colunista da revista *Veja*, Claudio de Moura Castro⁷, escreveu um artigo no qual defende o poder das histórias no processo educativo. Logo no primeiro parágrafo do seu texto, ele questiona os leitores com uma pergunta essencial com relação à aprendizagem: *De que servem todos os conhecimentos do mundo, se não somos capazes de transmiti-los aos nossos alunos?*⁸

⁷ Claudio de Moura Castro é doutor em Economia pela Vanderbilt University (EUA), Mestre em Economia pela Yale University (EUA) e Graduado em Economia na UFMG. Presidente do Conselho Consultivo do Instituto Inhotim, tem experiência no planejamento de vários museus de ciência, incluindo a sala de Educação do Catavento (SP). Realiza trabalho de pesquisa em Educação, Ciência e Tecnologia, dando origem a 40 livros e mais de 300 artigos acadêmicos. É colunista da revista *Veja*.

⁸ Revista *Veja*, 10.06.2010)

De fato, o conhecimento é imprescindível ao profissional do ensino, mas só isso não basta, no processo de aprendizagem. É preciso que se faça a contextualização do assunto que está sendo estudado. Castro discorre sobre a “pedagogia do astronauta”, ou seja, o ensino descontextualizado, que não chega a fazer sentido para o aluno e, dessa forma, não atinge um resultado positivo. Como exemplo, citou o fato de que professores americanos de inglês queixam-se de seus alunos, por não terem interesse nas aulas apesar de os docentes apresentarem excelentes livros a eles.

Será que os alunos não gostam de ler – pergunta Castro. Porém, se isso realmente ocorre, como há de se explicar a venda de nove milhões de exemplares do livro Harry Potter, apenas vinte e quatro horas após ser lançado? Isso posto, o colunista nos sugere a busca de boas narrativas, com as quais podemos reinterpretar por meio da nossa criatividade. É necessário fazermos a contextualização do assunto, pois é extremamente complicado para o aluno absorver abstrações. Como modelo de grandes educadores da história, o autor destacou Jesus Cristo e Walt Disney (sic). O primeiro junto com seus discípulos por meio das parábolas, conseguiu mudar as crenças da humanidade. O segundo é considerado pelo autor como o maior contador de histórias do século XX, isso porque cabe a ele a invenção do desenho animado, filmes de aventura, histórias em quadrinhos, parques temáticos.

Nesse sentido, o educador necessita aprender as técnicas narrativas de grandes educadores. Esse fator será decisivo no bom aproveitamento do aluno. Vejamos o que nos diz Castro:

... De fato, educar é contar histórias. Bons professores estão sempre eletrizando seus alunos com narrativas interessantes ou curiosas, carregando nas costas as lições que querem ensinar. É preciso ignorar as teorias intergalácticas dos “pedagogos astronautas” e aprender com Jesus, Esopo, Disney, Monteiro Lobato e J.K. Rowling. Eles é que sabem.

O autor condena a pedagogia vigente de mandar o professor “construir sua própria aula”. O ideal, segundo a visão de Castro, seria selecionar idéias que já deram certo. Diz ainda que é injusto exigir que o professor seja um autor como Monteiro Lobato ou J.K. Rowling.

Diz que seria interessante fornecer o material articulado e sequenciado ao professor e, antes que o acusem de estar fazendo apologia ao plágio, ele se defende, colocando uma citação de Picasso “O bom artista copia, o grande artista rouba idéias”. E conclui sua argumentação da seguinte forma:

Preparar aulas é buscar as boas narrativas, exemplos de exercícios interessantes, reinterpretando e ajustando (é aí que entra a criatividade). Se “colando” dos melhores materiais disponíveis ele conseguir fazer brilhar os olhinhos de seus alunos, já merecerá todos os aplausos.

2.4. Os Provérbios

Assim como as parábolas, os provérbios fazem parte da sabedoria popular própria da oralidade. A autoria destes se perdeu no tempo. Porém o que realmente importa é que eles criam um processo de referenciação. Eles são criados e aplicados a nossas experiências pessoais. Isso acontece porque conceptualizamos nossas vidas e cada vez nós os utilizamos em diferentes contextos. Eles vão conferindo autoridade à nossa fala. Geralmente, o provérbio apresenta uma história condensada que deve ser interpretada pelo interlocutor por meio das projeções. E essa interpretação pode variar de acordo com o contexto em que o provérbio estiver inserido, e em cada situação significados vão sendo construídos. Vamos partir de um provérbio bastante conhecido: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”, aplicado a dois temas:

1)Relacionamento amoroso: Podemos projetá-lo numa seguinte situação: A insistência de uma pessoa na conquista de outra que consegue finalmente a realização amorosa. Mas pode ter significado oposto também; pode significar abuso, um dos amantes cometeu muitos deslizes, o outro não suportando mais a situação, pôs fim ao relacionamento.

2) Âmbito profissional : Conquista de um emprego, mas pode também significar o contrário. O chefe pode ter se cansado do funcionário que não respeita as regras impostas pela empresa.

Apenas com esses exemplos já é possível perceber que os provérbios ganham significado de acordo com o contexto. O mesmo provérbio em diferentes situações ganha significados opostos. E ele poderá ser usado numa infinidade de textos e em cada um criará um novo significado.

Um processo interessante e extremamente criativo acontece quando há uma revitalização do provérbio. Muitos escritores fazem isso e conseguem nos brindar com um criar inusitado, mostrando- nos um novo universo. Examinemos o texto abaixo:

Veja só, venho me esforçando para que o Júnior aprenda inglês. Matriculei-o na Cultura Inglesa, levo-o de carro até lá, já faz um ano e, até agora, ele não conseguiu aprender nada. Bem diz aquele ditado que você pode levar um cavalo até a água, mas não pode obrigá-lo a beber.

Para compreender esse enunciado, o enunciatório tem de criar um espaço mental em que, nesse caso específico, a referência de cavalo é o Junior, o ato de le-

var o cavalo até a água é o ato de levá-lo à escola e o ato de beber água é o ato de aprender inglês.

Tanto nas parábolas quanto nos provérbios podemos trabalhar com o conceito de esquemas de imagem, proposto por Lakoff e Johnson (1980).

Nesse provérbio, temos o esquema de PERCURSO: ORIGEM – CAMINHO – DESTINO. No esquema de PERCURSO, imagina-se que chegar ao fim da jornada é, normalmente, um valor positivo. No caso desse provérbio, o DESTINO é beber água = aprender inglês.

Segundo Abreu (2000), a funcionalidade desses processos de projeção é transferir valores do espaço mental de origem da parábola ou do provérbio para o espaço mental do destino. No exemplo do provérbio “Você pode levar um cavalo até a água, mas não pode obrigá-lo a beber”, a projeção da figura de cavalo sobre a figura da criança que é levada à aula de inglês, transfere para ela valores do frame de cavalo, como irracionalidade, passividade e obstinação ilógica.

É muito comum o uso dos provérbios. A história contida neles seria a história fonte e a projetamos na história alvo (em uma situação do mundo real). A cada nova situação, há uma ressignificação do provérbio:

Os provérbios apresentam uma história condensada e implícita que será interpretada por meio de uma projeção. (TURNER, 1996, p.5-6)⁹

⁹ Proverbs frequently present a condensed, implicit story to be interpreted through projection. (TURNER, 1996, p. 5-6).

Capítulo 3

Mente corporificada, esquemas de imagem, metáforas e espaços mentais

George Lakoff e Mark Jonhson em seu livro *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought* (1999), sustentam que corpo e mente não são instâncias separadas. Tudo que passa em nosso corpo físico está inter-relacionado com o que se passa na nossa mente. Para eles, o corpo é uma das principais fontes para a construção de conceitos mentais, as ideias. Essa posição contraria a tradição filosófica que, por séculos, sempre tratou a questão corpo e mente como instâncias separadas. Os autores definem a linguagem a partir do cérebro, corpo, interação física e social e da herança cultural:

A mente não é apenas corporificada, mas corporificada de tal maneira que nossos sistemas conceptuais fazem escolhas geralmente dentro daquilo que é mais comum em nossos corpos e no meio ambiente em que vivemos. O resultado é que muito do nosso sistema conceptual pessoal ou é universal ou se encontra disseminado ao longo da linguagem e das culturas. Nossos sistemas conceptuais não são totalmente relativos e não são meramente resultado de contingências históricas, embora haja um grande consenso sobre certo grau de relatividade conceptual (...). Uma vez que nosso sistema conceptual provém de nossos corpos, o sentido se baseia em e através dos nossos corpos.¹⁰

¹⁰ No original: the mind is not merely embodied, but embodied in such a way that our conceptual systems draw largely upon the commonalities of our bodies and of the environment we live in. The result is that much of a person's conceptual system is either universal or widespread across language and cultures. Our conceptual systems are not totally relative and no merely a matter of historical contingency, even though a degree of conceptual relativity does exist and even though historical contingency does matter a great deal (...) Because our conceptual systems grow out of our bodies, meaning is grounded in and through our bodies.(LAKOFF & JOHNSON, 1999, 6-7).

Afirmam que a mente é “corporificada”, isto é, ela não é entendida como uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. De acordo com essa nova abordagem o dualismo Cartesiano é posto em xeque, uma vez que este trata mente e corpo como instâncias separadas. A mente passa a ser entendida e estruturada a partir de nossas experiências corporais. Da mesma forma, a razão também é “corporificada”, visto que se origina das nossas experiências culturais, das peculiaridades dos nossos corpos e também da natureza do nosso cérebro.

Essa teoria sustenta que quase todo pensamento é inconsciente, a própria consciência está além da percepção de fenômenos físicos, ou da consciência que estamos conscientes. Mark Jonhson na obra *The body in the mind*, p. XIV, afirma que:

O corpo foi ignorado pelo Objetivismo, porque se acreditava que ele introduziria elementos subjetivos considerados irrelevantes à natureza objetiva do significado. O corpo foi ignorado porque a razão era considerada abstrata e transcendente, que não está vinculada a nenhum dos aspectos corpóreos da compreensão humana.¹¹

3.1. Esquemas de imagens

Os esquemas de imagem fazem parte da teoria cognitivista e estão relacionados ao princípio de corporificação e à teoria da metáfora. Esses pressupostos teóricos surgiram com Lakoff e Johnson (1980) em sua obra precursora “*Metaphors we live by*”, livro em que os autores apresentam a nova visão que se opõe ao dualismo cartesiano. Nessa nova abordagem, mente e corpo interagem para dar sentido ao

¹¹ No original: The body has been ignored by Objectivism because it has been thought to introduce subjective elements alleged to be irrelevant to the objective nature of meaning. The body has been ignored because reason of has been thought to be abstract and transcendent, that is not tied to any of the bodily aspects of human understanding.

mundo. Trata-se de uma teoria experiencialista, que afirma que os conceitos abstratos são entendidos por nós a partir de nossa experiência física.

Nosso conhecimento físico é essencial para chegarmos à compreensão do mundo metafísico, abstrato. Esse conhecimento pode ter uma natureza estável, o que não quer dizer estática, pode também ser fugaz, o que não significa irrelevante. São informações socioculturalmente acumuladas (scripts, modelos culturais, espaços mentais, esquemas conceituais) etc.

Os esquemas de imagens devem ser entendidos como padrões estruturais que são recorrentes em nossa experiência sensório-motora e que são, geralmente, a base para estruturar conceitos mais complexos. Eles estão relacionados ao deslocamento do corpo no espaço. (cf. LAKOFF & JOHNSON 2003). Podem ser encontrados nas metáforas:

Nem todas as metáforas mapeiam estruturas conceituais em outras estruturas conceituais. Além das metáforas que inconscientemente e automaticamente organizam nossa compreensão usual do mundo pelo mapeamento de conceitos em outros conceitos, há também mais metáforas transitórias que envolvem não o mapeamento de conceitos mas preferivelmente o mapeamento de imagens.(LAKOFF & TURNER, 1986, p.89).¹²

Os esquemas de imagem para a projeção metafórica são tidos como o princípio organizador do pensamento e da criatividade desde a infância.

¹² Not all metaphors map conceptual structures onto other conceptual structures. In addition to the metaphor that uncociously and automatically organize our ordinary comprehension of the world by mapping concepts onto other concepts, there are also more fleeting metaphors which involve not the mapping of concepts but rather the mapping of images.

Há centenas de tais metáforas conceituais primárias, a maior parte delas aprendida inconscientemente e automaticamente na infância simplesmente pelo funcionamento no mundo do dia-a-dia com um corpo e cérebro humanos.(LAKOFF & JOHNSON, 2003, p.257).¹³

Essa teoria utiliza nosso corpo como ponto de partida para a criação de conceitos como direita, esquerda, frente, atrás, acima, abaixo. Relacionados ao movimento, temos o conceito de origem, caminho, destino, obstáculos. E ainda têm-se conceitos como DINÂMICA DE FORÇAS, EQUILÍBRIO ESTÁTICO e DINÂMICO.

Vejamos os principais esquemas de imagem:

PERCURSO (início, meio e fim, dirigido à frente, ao alto ou para baixo)

CONTAINER (com suas partes: fora, dentro e limites)

LIGAÇÃO (entre partes, entre unidades etc.)

DINÂMICA DE FORÇAS (resultado do contato dinâmico entre partes)

EQUILÍBRIO (de força, de massa, de luz etc)

PARTE-TODO (tanto no sentido parte-todo quanto no sentido todo-parte)

O esquema de imagem de PERCURSO tem uma origem, um caminho e um destino. Podemos encontrá-lo na metáfora da jornada.

Eu vou até o fim nos meus propósitos.

¹³There are hundreds of such primary conceptual metaphors, most of them learned unconsciously and automatically in childhood simply by functioning in the everyday world with a human body and brain.

Há uma grande distância a ser vencida até chegarmos a um acordo.

O esquema de CONTAINER é constituído por três partes: uma parte exterior, uma interior e um limite que os separa. Nosso corpo é exemplo de container, tanto como um carro, uma mala, um quarto, nossa cabeça.

Estou com a cabeça cheia hoje.
Sinto-me vazio sem a presença dela.
A conversa que tive hoje abriu minha cabeça.

O esquema de imagem DINÂMICA DE FORÇAS pode ser percebido por meio das nossas ações, entre elas empurrar, puxar, impulsionar, etc.

Ele precisa de um empurrãozinho para passar no exame.
É preciso agarrar a vida pelos chifres.

Em relação aos esquemas de imagem, é importante destacarmos a abordagem de Peña (2008), pois ela nos permite agregar imagens subsidiárias a partir das imagens propostas por Lakoff (1999) . A autora complementa o trabalho de Lakoff. Ela conseguiu ampliar, deixar mais flexível o conceito de esquema de imagem.

Há situações em que o esquema de imagem de CONTAINER, por exemplo, não era suficiente. Um exemplo prototípico de CONTAINER seria uma sala, porém, uma mesa também é um tipo de CONTAINER, embora não prototípico.

Por isso, a autora criou o conceito de SUPERFÍCIE (SURFACE) para mesa, uma vez que, se uma entidade estiver numa SUPERFÍCIE, está parcialmente fechada nela. Diferentemente, se esta se encontrar num CONTAINER, estará fechada completamente.

A autora faz a seguinte divisão: se a região se restringe a apenas uma dimensão, temos o esquema primário, que foi denominado de esquema (SOURCE-PATH-GOAL), ou seja, PERCURSO. Se atingir duas dimensões, temos o esquema de (SURFACE), SUPERFÍCIE e, se a região abranger três dimensões, temos o CONTAINER.

Ligadas a esses esquemas estão as imagens subsidiárias como FRENTE-TRÁS, PERTO-LONGE e CONTATO, CENTRO-PERIFERIA, LINK e CHEIO-VAZIO e EXCESSO.

Vejamos de que forma essas subdivisões podem estar ligadas a esses esquemas, em exemplos que usam projeções dessas imagens em situações específicas.

Agregada ao primeiro exemplo, PERCURSO, temos o FRENTE-TRÁS. Exemplos:

É preciso deixar o passado para trás.

Ele está com um pé atrás em relação à namorada.

Ele não é capaz de enxergar um palmo na frente do nariz.

Ao esquema de SUPERFÍCIE, temos o PERTO-LONGE e CONTATO:

Pesquisadores chegaram perto de uma nova descoberta sobre a nova gripe.

A palestra tocou o coração de todos os presentes.

A cada discussão nós ficamos mais longe um do outro.

Ele está a um passo de ser promovido.

Em relação ao esquema acima, temos também o CENTRO-PERIFERIA, no qual se valoriza tudo o que é central e se desvaloriza tudo que é periférico.

Esse é o âmago da questão.

Essa é uma questão lateral.

Por último, temos o esquema de LIGAÇÃO, que ocorre quando encontramos dois ou mais elementos conectados em uma única configuração.

Todos sabemos que o consumo indevido do álcool está vinculado aos acidentes de trânsito.

EQUILÍBRIO

O professor que você tanto admira é um desequilibrado.

Você deve pôr na balança os pontos negativos e positivos, para depois tomar a decisão mais acertada.

Como podemos constatar, os esquemas de imagem são de natureza corporificada. Eles constituem padrões recorrentes que se encontram em uma variedade de domínios corporificados, sendo que estes estruturam nossa experiência.

A grande contribuição dessa noção ao contexto de ensino de línguas consiste na possibilidade de explicitar operações cognitivas operados pelos falantes, levando-nos a compreender relações estabelecidas entre aquilo que vivenciamos e aquilo que narramos.

3.2. Metáforas Conceptuais

Nossa pesquisa está amplamente ligada ao conceito de metáfora proposto, inicialmente e de forma inovadora, por Lakoff e Johnson no livro *Metaphors we live by*, 1980.

Esses autores, ao apresentarem uma nova versão para a metáfora, mostraram-nos que ela não deve ser entendida apenas como uma figura de linguagem e, sim, como um recurso cognitivo amplamente utilizado por nós no nosso dia a dia, pois estrutura nosso pensamento. Atestam que o raciocínio metafórico é uma maneira de conceptualizar o mundo, visto que as metáforas refletem o modo como encaramos os fatos da realidade cotidiana.

Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada a vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF&JOHNSON 2002[1980] p.03).

Afirmam eles que nosso sistema conceptual se baseia na nossa experiência de mundo e a partir dela construímos nossa linguagem.

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto: eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. (LAKOFF & JOHNSON 2002; p.45-6).

Na visão desses autores, a metáfora reflete o modo como enxergamos a realidade, faz parte do nosso raciocínio do dia a dia. Dessa forma, nosso sistema conceptual é baseado na experiência de mundo que detemos. Afirmam ainda que a metáfora não tem como base nenhuma similaridade pré-existente, inerente aos conceitos, uma vez que são as próprias metáforas que criam essas semelhanças. Dessa forma, elas criam realidades, visto que as similaridades estabelecidas passam a ser reais para a cultura que a adotou. Elas estão muitas vezes ancoradas na nossa experiência corporal. Vejamos a definição que encontramos em Gibbs, Lima e Françoso (2005, p. 1 192):

Uma importante observação a respeito das metáforas conceptuais é que muitos dos seus domínios de origem refletem padrões significativos da nossa experiência corporal. Por exemplo, a maneira como nós falamos a respeito da vida ou do amor como um tipo de jornada, refere-se à experiência corpórea das pessoas movendo-se a partir de um ponto de origem, ao longo de um trajeto, para alcançar ou tentar alcançar algum destino. Cientistas cognitivistas vêm explorando as implicações dessa idéia a respeito dos domínios de origem em metáforas conceptuais e defenderam, explicitamente, que a metáfora, tanto no pensamento quanto na linguagem em parte tem origem nesses padrões recorrentes da corporificação. Gibbs, Lima e Françoso. *Journal of Pragmatics*,¹⁴

¹⁴ *Metaphor is grounded in embodied experience*, p 1192. An important observation about conceptual metaphors is that many of their source domains reflected significant patterns of bodily experience. For instance, the way we talk about life or love as a kind of journey refers to the very embo-

Lakoff e Johnson (1989) afirmam que a essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra. Em outros termos, isso significa dizer que a metáfora implica uma transposição de domínios. Parte-se de alguma coisa como um domínio de origem e transpõe-se para um outro domínio. Quando isso acontece, os frames dos dois domínios entram em ação. Diz Costa Lima (2001, p. 108) que:

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstracto, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e co-ocorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar.

“Frames” são modelos globais que estão vinculados a um conceito central, de acordo com o senso comum. São constituídos por um conjunto de associações que podemos fazer a partir de um tópico, criando um campo semântico vinculado a ele. Por exemplo, quando nos referimos à palavra CASAMENTO, outros conceitos surgem como *festa, presente, noivos, igreja, bolo* etc.

Portanto, frames e esquemas são conhecimentos prévios que estruturam os domínios locais (espaços mentais). Podemos encontrá-los nos MCI's, molduras comunicativas e nos espaços genéricos.

died experience of people moving from some starting point, along a path, to reach, or attempt to reach some destination. Cognitive scientists have explored the implications of this idea about the source domains in conceptual metaphors and explicitly argued that metaphor in both and language partly arises from these recurring patterns of embodiment.

3.3.MCIs ou Modelos cognitivos idealizados

Os MCI's são conjuntos estáveis que se vão formando ao longo de nossa vida e a partir das nossas experiências corporais. Essas experiências se tornarão ideias, conceitos e ficarão armazenadas na nossa mente. E serão responsáveis pelo nosso modo de interpretar, pensar, agir, falar e de enxergar o mundo e também guiar nossas ações. Sendo assim, podemos dizer que eles são mecanismos que nos sugerem a forma como devemos nos comportar diante de cada situação, uma vez que, nos oferecem scripts para a nossa sociabilidade.

Trata-se de esquemas culturalmente construídos. Correspondem à imagem moldada socialmente. À guisa de exemplo, podemos mostrar as seguintes palavras “festa de aniversário”. Ao ouvi-las, imediatamente vêm a nossa mente outras palavras relacionadas a elas como: *bolo, aniversariante, convidados, cantar os parabéns*, etc.

Os MCIs, quando ativados, fazem com que expressões linguísticas desencadeiem a construção de espaços mentais. À medida que vamos interpretando um texto, domínios conceptuais vão sendo abertos, fechados e reativados. Devemos orientar nosso aluno para que procure expressões linguísticas que forneçam pistas para o processo interpretativo.

3.4.Molduras comunicativas

Elas consistem em padrões interacionais, o que significa dizer que estão diretamente relacionadas à pragmática. Pode-se dizer que elas constituem a base de conhecimento; sendo assim, ao nos depararmos com as diversas situações de interação,

por meio do nosso processo de inferência, podemos distinguir se estamos diante de uma aula, entrevista, palestra etc.

Scripts

São responsáveis pela ordenação cronológica dos elementos de um frame; funcionam como uma espécie de roteiro. Quando falamos de um casamento na igreja, por exemplo, o noivo espera pela noiva no altar. Em seguida, o pai da noiva entra com ela pela nave central. Após isso principia a cerimônia e, após o sim, os noivos trocam alianças. Finda a cerimônia, o novo casal sai da igreja pela nave central.

Domínios estáveis (Frames)

São conhecimentos prévios que estruturam os domínios locais que podem ser modificados ou desenvolvidos nas construções em processo. Eles correspondem a elementos presentes na nossa memória pessoal ou social. São denominados esquemas ou frames. Eles subcategorizados em:

- Molduras Comunicativas ;
- Esquemas Genéricos;
- MCIs

Domínios locais

Surgem quando falamos ou pensamos, isto implica dizer que a natureza deles é dinâmica. São produzidos a partir do contexto. São conhecidos como espaços mentais. Eles são estruturados por domínios estáveis.

Quando utilizamos a metáfora da guerra em uma discussão, como possuímos um conhecimento sistematicamente organizado sobre esse domínio conceptual, é nele que nos apoiaremos para chegar à compreensão desse evento.

Ao discutirmos com alguém, é comum agirmos como se estivéssemos mesmo no meio de uma guerra e, no nosso vocabulário, surgirão vocábulos usados nesse contexto. Isso acontece, porque o conceito metafórico é sistemático e, portanto, a linguagem que usamos para falar desse conceito também é metafórica.

Nessa situação, o nosso léxico será composto por palavras como: ataque, defesa, estratégia, linha de ataque, etc. Nosso sistema conceptual é constituído por estruturas metafóricas, embora não estejamos conscientes delas. Exemplos:

Destruí a argumentação dele.

Ele defendeu sua posição até o fim.

Outro exemplo é TEMPO É DINHEIRO. Trata-se da conceptualização do tempo como se esse fosse um bem precioso como o dinheiro. Nela encontramos expressões, frases que compartilham esse sentido. Pensar o tempo como se fosse dinheiro faz com que o tratemos como recurso limitado.

Se a metáfora nova entra no sistema conceptual em que baseamos nossas ações, ela alterará esse sistema conceptual e as percepções e ações a que esse sistema deu origem. Muito das mudanças culturais surge da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda de antigos. Por exemplo, a ocidentalização das culturas em todo o mundo ocorre em parte pela introdução da metáfora TEMPO É DINHEIRO nessas diversas culturas. (LAKOFF e JOHNSON 2002; 243).

À guisa de exemplo, temos as frases:

“Não vou investir tempo neste negócio”.

“Eu não tenho tempo a perder.”

Veja o que os autores Lakoff e Johnson (2002; p.51) afirmam:

Essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. Pelo fato de que agimos como se o tempo fosse um bem valioso – um recurso limitado, como o dinheiro – nós o concebemos dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado.

3.5. Metáforas orientacionais ou primárias

Lakoff e Johnson (1999) afirmaram que há metáforas primárias vinculadas à própria aquisição da linguagem, uma vez que são adquiridas de maneira automática e inconsciente desde a mais tenra infância. As conexões neurais aparecem muito cedo na nossa vida e, por isso, é comum utilizarmos uma infinidade de metáforas primárias. Constataram, também, que existe um grande número de metáforas que são empregadas em várias línguas do mundo. Isso acontece a partir de domínios conceptuais que, de alguma forma, representam o nosso modo de pensar e de agir. Nossa experiência concreta de deslocamento espacial é projetada metaforicamente para a nossa experiência mais abstrata.

Adquirimos um vasto sistema de metáforas primárias, automaticamente e inconscientemente, simplesmente por existirmos, nas maneiras mais comuns no mundo diário, desde os primeiros dias de vida. (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p.47).¹⁵

É por meio delas que conceptualizamos nossas experiências subjetivas. Combinamos as metáforas primárias formando outras mais complexas.

Uma das maiores descobertas que surgiram dos estudos para o sistema conceptual humano é que os conceitos abstratos são sistematicamente estruturados em termos de domínios conceituais derivados de nossa experiência comportamental de objetos físicos, envolvendo propriedades como movimento, elevação vertical e proximidade física. (LAKOFF and JOHNSON , 1980, 1999, apud EVANS and GREEN, 2006, p.15).¹⁶

O bebê, por exemplo, experiencia o afeto por meio do calor, pela sensação de ser pegado no colo, ser abraçado. Portanto, o afeto é associado com “quente”. Esse tipo de associação nos acompanha pela vida toda. É por meio dela que surgem metáforas como as seguintes:

Afeição é quente:

Ele me recebeu calorosamente.

Meu coração está pegando fogo.

Outra metáfora primária muito usada consiste em associar tudo que é grande a tudo que é importante. Vejamos alguns exemplos:

¹⁵ We acquire a large system of primary metaphors automatically and unconsciously simply by functioning in the most ordinary of ways in the everyday world from our earliest years. (p. 47)1999.

¹⁶ One of the major findings to have emerged from studies into the human conceptual system is that abstract concepts are systematically structured in terms of conceptual domains deriving from our experience of the behavior of physical objects involving properties like motion, vertical elevation and physical proximity. (LAKOFF and JOHNSON 1980, 1999, apud EVANS and GREEN, 2006, p.15).

Importante é grande

Amanhã será um grande dia.
Ele é um grande médico.
Einsten foi um grande homem.

Dificuldade é peso

Ele quer carregar o mundo nas costas.
Hoje foi um dia pesado para mim.

Felicidade é para cima

Paula está andando nas nuvens por causa do namorado.

Tristeza é para baixo

Estou me sentindo tão para baixo hoje.

Essas metáforas implicam a organização de conceitos pela relação que estabelecem entre si e partem da experiência corporal, física sobre o espaço.

Essa orientação espacial gera conceitos como: felicidade é para cima e tristeza para baixo. Podemos observar isso até mesmo na indicação do dedo polegar para cima indicando sinal positivo, e, quando sinalizado para baixo, indicando derrota. Importante ressaltar a arbitrariedade das metáforas, pois elas variam de acordo com a cultura.

Em cima – Em baixo

Ele saiu por cima daquela situação.

Ela está tão para baixo hoje.

Dentro-fora

Finalmente ela saiu da casca e arrumou namorado.

Ele se sai bem daquela confusão toda.

À frente - atrás

Ele deixou para trás toda a insegurança.

O Brasil ainda está atrás de muitos países em se tratando de educação.

3.6. Metáforas Complexas

As metáforas complexas surgem das integrações entre as metáforas primárias existentes em nosso sistema conceptual. Elas são constituídas pelas metáforas primárias, por meio das mesclas/ blendings conceptuais, e também das formas de conhecimentos gerais, ou seja, teorias, crenças populares e modelos culturais. Exemplo:

“ Pastora de nuvens fui posta a serviço
 Por uma campina tão desamparada
 Que não principia nem também termina,
 E onde nunca é noite e nunca madrugada”. (Destino; Cecília Meireles)

Temos nessa estrofe que principia o poema intitulado *Destino*, de Cecília Meireles, vários exemplos de metáforas complexas. Para não me alongar, ponho foco apenas na primeira delas: *pastora de nuvens*. Essa metáfora busca, no conhecimento enciclopédico do leitor, a tradição de enxergar nuvens como carneiros, dada a sua cor branca. O frame de *pastor* inclui *guiar, ser responsável, proteger*. Desse frame, para atribuir sentido à metáfora, temos de pôr em destaque *ser responsável*. Como enxergar carneirinhos nas nuvens é uma ilusão, o entendimento é o de que o *eu lírico* da poeta se coloca como responsável pelas ilusões das pessoas que estão na terra (pastores da terra) em contraposição a ela, que se encontra separado deles, no céu, numa campina aérea.

3.7. Metáforas ontológicas

Essas metáforas compreendem nossas experiências em termos de objetos e substâncias, o que nos permite selecionar partes de nossa experiência. A personificação é um exemplo desse tipo de metáfora, quando objetos físicos são concebidos como pessoas.

Da mesma forma que as experiências básicas das orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, as nossas experiências com objetos físicos (especialmente com nossos corpos) fornecem a base para uma variedade ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.76).

Vejamos alguns exemplos desse tipo de metáfora:

O tempo não perdoa ninguém.

A vida o prestigiou.

Terror em Atlanta mata 2 pessoas e fere 111.

3.8. Metáforas e parábolas como recursos de presença

Os processos de projeção são amplamente usados nos textos jornalísticos, porque, além de darem mais visibilidade ao texto, proporcionam maior clareza e também maior força argumentativa. QUANDO O TEXTO OBJETIVA CONVEN-CER E PERSUADIR SEU INTERLOCUTOR, ELES FUNCIONAM COMO RE-CURSOS DE PRESENÇA. Segundo Perelman:

A presença atua de um modo direto sobre nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma ação já no nível da percepção: por ocasião, do confronto de dois elementos, por exemplo, um padrão fixo e grandezas variáveis com as quais ele é comparado, aquilo em que o olhar está centrado, o que é visto de um modo melhor ou com mais frequência é, apenas por isso, supervalorizado.(PERELMAN,1996, p.132).

O autor ilustra a presença com um relato chinês:

Um rei vê passar um boi que deve ser sacrificado. Sente piedade dele e ordena que o substituam por um carneiro. Confessa que isso aconteceu porque estava vendo o boi e não via o carneiro. (PERELMAN,1996, p.133).

O autor belga faz uma observação consistente em relação aos recursos de presença :

Destarte uma das preocupações do orador será tornar presente, apenas pela magia do seu verbo, o que está efetivamente ausente e que ele considera importante para a sua argumentação, ou valorizar, tornando-os mais presentes, certos elementos efetivamente oferecidos à consciência. (PERELMAN, 1996,p.133)

3.9. Metáforas como recurso retórico

De acordo com Perelman & Tyteca (1996), tanto as metáforas como as metonímias podem exercer uma função argumentativa de convencimento e persuasão. O fator relevante que irá diferenciar se em determinado texto serão exploradas como figuras estilísticas ou retóricas será a observância da finalidade em que estas foram usadas.

Em *Os Lusíadas*, ao final do Canto IV, no episódio conhecido como o do *Velho do Restelo*, o personagem criado por Camões faz uso da metáfora e da metonímia para convencer os portugueses a desistir da aventura das viagens marítimas:

— Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Veja que em *peito vão*, Camões fez uso da metonímia para alertar os homens tolos que ambicionam o poder e a fama dos castigos que porventura venham enfrentar. Nessa estrofe a referência a peito vão e na estrofe anterior experto peito, reme-

tem ao livro bíblico de Eclesiastes. Nele há um texto também argumentativo, no qual o rei Salomão faz a seguinte afirmação “Melhor é ouvir a repreensão do sábio, do que ouvir alguém a canção do tolo”.

3.10. Metáfora e valores

Ao estudarmos a metáfora, devemos atentar para o fato de que junto com a transferência do(s) traço(s) selecionados do domínio de origem, são transferidos valores.

Abreu (2010) nos apresenta um exemplo de como as metáforas podem ser portadoras de valores. O autor nos conta de uma conversa que teve com um religioso, em que este lhe contou sobre uma experiência com crianças carentes e relatou a sua dificuldade em ensinar o *Pai Nosso* a elas. Isso porque, pai é uma metáfora de Deus, e essas crianças só tinham experiências negativas em relação aos seus pais. Sendo assim, a oração era conflitante com a situação vivenciada por elas.

3.11. Projeções metafóricas

Acreditava-se que as projeções metafóricas estavam confinadas à linguagem poética, pensamento esse que não condiz com a teoria de LAKOFF E JOHNSON (1980). Seus estudos revelam que essas projeções fazem parte da nossa vida diária.

De acordo com esses autores essas projeções têm um papel central na cognição humana. A partir delas podemos construir e ligar domínios. As projeções podem acontecer quando transportamos parte de um domínio fonte, que costuma ser mais concreto, para um domínio alvo, geralmente mais abstrato. Cabe às projeções a fun-

ção de unir a razão e a imaginação. Trata-se da *racionalidade imaginativa*. As metáforas e as analogias representam esse tipo de projeção.

Essas projeções dependem do conhecimento de mundo dos interlocutores, pois o significado está na mente e não na palavra. Precisamos dele, para estabelecer o mapeamento entre elementos de diferentes domínios cognitivos.

Van Evera Oakley Todd, num artigo intitulado *What is Cognitive about Rhetoric* afirma ser de extrema importância nossa memória episódica — é dentro dela que se acumulam as histórias que vivenciamos durante nossa vida. E é por causa dela que nós conseguimos estabelecer relações de causa e efeito e também construir simulações futuras que são a base de teorias por método indutivo.

A memória episódica liga-se a experiências subjetivas no tempo e no espaço. Para os seres humanos, especialmente a memória episódica nos torna possível os cálculos de causa e efeito. Sem a memória episódica, não podemos relatar eventos a outra pessoa ou narrar alguma coisa. Sem a memória episódica não há fenomenologia e hipóteses explorativas.¹⁷

Os processos de projeção podem também simplesmente ter a função de denominação lexical, são significados produzidos a partir de conceitos já existentes. Por exemplo, “vírus do computador” ou “casa de botão” “costas da cadeira”. São as chamadas metáforas fossilizadas ou catacreses. O nosso primeiro exemplo “vírus de computador” originou-se a partir dos conhecidos vírus que atacam o ser humano,

¹⁷ Episodic memory entails subjective experiences of time and space. For human beings, especially episodic memory enables us to make cause-effect calculations. Without episodic memory, we cannot relate events to one another or recount anything. Without episodic memory, there is no phenomenology and no explanatory hypotheses. (p.39)

podendo nos deixar doentes ou até mesmo nos matar. A conotação que a palavra “vírus” carrega é sempre nociva. Quando a projetamos para o exemplo de computador, ela sugere estragos, danificar a máquina, etc., como em *Meu micro está infectado*, ou *É preciso aplicar um antivírus no equipamento*.

Capítulo 4

Teoria dos Espaços Mentais

Fauconnier e Turner a partir da obra *The way we think* (2002), desenvolveram a teoria do *blending* ou mesclagem . Trata-se de uma teoria geral da cognição que procura descrever a capacidade humana de imaginar identidades entre conceitos e integrá-los de maneira que estes formem novos modelos de pensamento e ação. Diz-nos a respeito Fauconnier :

Espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos, são construções mentais muito complexas, até mesmo para situações mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos lingüísticos e gramaticais fornecem evidências para estas atividades mentais implícitas e para as Conexões dos espaços mentais. (Entrevista, COSCARELLI, 2005).

De acordo com essa visão, há de se constatar que as expressões linguísticas não carregam significados, porém elas funcionam como ativadoras de espaços mentais e também agem com condutoras para a construção do significado.

Os espaços mentais vão se formando no momento em que estamos falando ou pensando. Eles se constituem de dados e informações que vamos acumulando ao longo da nossa vida. Pelo fato de terem uma natureza instável, costuma-se usar a metáfora *bolha de sabão* para caracterizá-los.

4.1.Space builders

Os “space-builders” ou construtores de espaços mentais são expressões capazes de estabelecer um novo espaço ou referir-se a um outro já introduzido no discurso. À medida que o discurso se desdobra, novos espaços vão sendo criados. Podemos encontrá-los em advérbios de lugar e de tempo, verbos epistêmicos, sintagmas preposicionados, conectivos, orações condicionais, etc. Contudo, Turner afirma que essas formas lingüísticas não portam sentido, mas funcionam como guia para a construção do sentido.

São exemplos de elementos lingüísticos instauradores de espaços mentais:

- uso de verbos “dicendi”; (ou não dicendi usado como dicendi. Ex.: lamentar – Lamento que ele não tenha vindo)
- uso de deverbais de nomes que têm no léxico um correlato de origem verbal (Ex: comentário- comentar, desabafo-desabafar);
- uso de parênteses , aspas e travessão
- uso de advérbios de lugar e de tempo (Ex. Em 1993, ...- Na casa da minha avó,...)
- SN sujeito + verbos epistêmicos (Ex. Maria acredita que Pedro é o criminoso)
- construções condicionais etc.(Ex:Se eu fosse o Presidente ...)

No caso dos verbos epistêmicos, como nos exemplos a seguir, faz-se necessário estabelecer dois espaços, o espaço base de que o juiz não acredita na inocência do réu, espaço este compartilhado pelo enunciador. O tempo verbal carrega sentidos;

veja que a simples mudança do modo subjuntivo para o modo indicativo, traz também uma mudança no plano semântico. Isto porque o uso do indicativo constrói um espaço mental do qual seu interlocutor (o advogado do réu, por exemplo) entende que, embora o juiz não acredite que o réu seja inocente, ele acredita na inocência dele.

O juiz não acredita que o réu seja inocente.

O juiz não acredita que o réu é inocente.

Um exemplo muito comum de conexão está em relacionarmos os atores e os papéis que desempenham em um filme. Veja que nessa situação temos dois domínios, o primeiro corresponde a “realidade”, enquanto que o segundo corresponde ao filme. Temos que lidar com a articulação de dois espaços mentais input (realidade e filme), que geram uma mescla. E a partir dessa integração de espaços, havemos de reconhecer que a expressão *no filme* é um space builder que ativa o espaço do filme e resulta num terceiro espaço, no qual vida real e ficção se misturam .

No filme “ Sete Vidas”, Will Smith apaixona-se por Emily Posa.

No filme “ Sete Vidas”, Ben Thomas apaixona-se por Emily Posa.

Veja o seguinte trecho extraído de uma crônica de Cecília Giannetti, escrita para o jornal *Folha de S. Paulo* em 4.5.2010:

Chegasse o homem de bom ou mau humor, no meio da noite ou só na semana seguinte — ela estava. Embora, às vezes, o paradeiro dele fosse desconhecido — ela sempre estava. A isso eles chamavam estabilidade, não sem certa razão.

Note que o novo sentido atribuído a ela à palavra estabilidade teve com space builder o fato de que a mulher sempre estava à espera do parceiro, mesmo que ele demorasse a aparecer. Outro exemplo:

Fez faculdade, mas aprendeu alguma coisa.

Nesse exemplo, o uso da conjunção *mas* é uma marca pragmática que traz uma crítica implícita. Esse conector instaura um novo espaço mental: Embora a faculdade devesse ser o lugar onde as pessoas aprendessem coisas, segundo o autor da frase, na prática isso não acontece.

Fauconnier (cf. COSCARELLI, 2005) afirma que os space builders acontecem muito cedo na nossa vida. Quando as crianças brincam de “faz de conta”, elas estão construindo mesclagens muito complexas.

Há mesclagens muito complexas que vemos nossas crianças fazerem todo o tempo, por exemplo, ao brincarem “de faz de conta”, ao montar a cavalo como cowboys, quando, na verdade, estão sentadas na cadeira da cozinha, talvez com uma colher na mão. (Entrevista, COSCARELLI, 2005).

Capítulo 5

Teoria da Integração conceptual e suas aplicações

Uma visão mais geral dos processos de projeção é oferecido pelo conceito de integração conceptual ou blending (mesclagem) que consiste num conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. Veremos que ela está presente não apenas na metáfora, mas em muitas outras áreas da cognição relacionando-se com a metonímia, analogia e parábola.

Fauconnier e Turner (2002) elaboraram a teoria da integração conceptual. Trata-se da habilidade que o homem desenvolveu para imaginar identidades entre conceitos e integrá-los para buscar novas formas de pensamento e ação. Ela está presente em nossa vida em inúmeras circunstâncias, mas, como nós a fazemos muitas vezes de forma inconsciente, não percebemos sua existência. É um processo cognitivo que está presente desde as formas mais simples de pensamento até as mais complexas.

Mesclagem conceptual é um campo teórico que busca explorar a capacidade humana de integrar informações. Ela envolve um conjunto de operações para integrar modelos cognitivos em uma rede de “espaços mentais” (Fauconnier, 1994), ou fragmentos das representações referenciais dos falantes. Fauconnier e Turner (1998) sugerem que um pequeno conjunto de processos parcialmente composicionais opera na construção criativa de significados em analogias, metáforas, contrafactuais, combinação de conceitos e até mesmo na compreensão de construções gramaticais. Os processos de mesclagem dependem principalmente do mapeamento de projeções e simulações dinâmicas para criar estruturas emergentes e para produzir novos conceitos, gerando a criação de metáforas, reações emocionais e força retórica.¹⁸ (COULSON; OAKLEY, 2000;p.176)

¹⁸ Conceptual blending is a theoretical framework for exploring human information integration. It involves a set of operations for combining dynamic cognitive models in a network of “mental spaces” (Fauconnier 1994), or partitions of speakers referential representations. Fauconnier and Turner (1998) suggest that a small set of partially compositional processes operate in the creative construc-

A capacidade do homem de fazer integrações foi de extrema importância para o seu processo evolutivo. Foi devido a essa capacidade que ele foi capaz de integrar eventos, principalmente os de causa e efeito. Essa habilidade proporcionou a ele ações como: escapar de ser devorado, por ter integrado o rugido de um leão à sua presença física; abrigar-se de uma tempestade, integrando o som do trovão num céu nublado à própria chuva.

Dessa capacidade surgem grandes avanços em todas as áreas. Grandes obras literárias surgiram de integrações conceptuais, como o famoso livro de Saint-Éxupéry, *O Pequeno Príncipe* que surgiu de duas experiências diversas narradas num mesmo livro.. No ano de 1939, o autor escreveu suas experiências como piloto do Correio Aéreo francês em *Terra dos Homens*. Nesse livro Éxupéry nos conta como se sentiu ao pousar, quando voava entre Casablanca e Dakar, na superfície branca de um platô formado por fragmentos de milhares de conchas:

Uma estrela já brilhava, e eu a contemplei. Imaginei que aquela superfície branca, em que me achava, havia estado ali, feito uma oferta perante os astros somente durante centenas de milhares de anos. Lençol imaculado estendido sob a pureza do céu. E senti alguma coisa no coração, assim como no limiar de uma grande descoberta, quando descobri sobre esse lençol, a quinze ou vinte metros de mim, um pedaço de pedra negra. [...] O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado: um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, pesada como metal, em forma de lágrima.

tion of meaning in analogy, metaphor, counterfactuals, concept combination, and even the comprehension of grammatical constructions. Blending processes depend centrally on projection mapping and dynamic simulation to develop emergent structure, and to promote novel conceptualizations, involving the generation of inferences, emotional reactions, and rhetorical force. (COULSON; OAKLEY, 2000;p. 176).

Um lençol estendido sob uma macieira só pode receber maçãs; um lençol estendido sob as estrelas só pode receber poeira dos astros. Nunca nenhum aerólito havia mostrado a sua origem com uma tal evidência.

No final desse livro, conta-nos o autor sobre uma viagem de trem que fazia dentro da França. Ele observou, sentado à sua frente, um casal que voltava das minas. Ambos estavam sujos e cansados. E, no colo da mulher, estava um garotinho dormindo. Após observar esse garoto por um longo tempo, Éxupéry foi acometido por um pensamento: se esse garoto tivesse nascido em outro lugar com oportunidades, poderia ser um Mozart, um príncipe. E refletiu consigo mesmo: *É um Mozart assassinado*. Sentiu um imenso desejo de salvá-lo, e foi esse desejo que o inspirou a integrar a imagem desse garoto à imagem do meteorito que caíra do céu e escrever *O Pequeno Príncipe*, história que se tornou um clássico da literatura.

A operação de integração conceptual consiste num processo de estabelecer identidades entre conceitos para resultar em algo novo. Esse processo envolve no mínimo, a integração de dois espaços, o factual e o seu contrafactual, na produção de significados emergentes.

A contrafactualidade é uma propriedade da mente humana muito importante, pois é ela que nos permite construir significados essenciais para a compreensão daquilo que a mente humana produz. Consiste na habilidade de operar mentalmente com mundos diversos, por meio da criação e integração de espaços mentais.

Fauconnier e Turner (2002) dizem que nosso pensamento é contrafactual e opera no mínimo com dois espaços; o factual e o contrafactual.

Observe o exemplo que eles nos oferecem para a explicação do conceito de contrafactualidade : “Não há leite no refrigerador”. Diante desse enunciado, temos os dois espaços; o primeiro é o factual que consiste na realidade do enunciador. Já o segundo espaço, representa o contrafactual. Nele temos a indicação de o refrigerador ser o local adequado para encontrarmos esse tipo de alimento. Veja que o mesmo não aconteceria se, ao invés de leite, procurássemos sapatos.

A integração conceptual é efetuada pela mente humana por meio de dois processos; a compressão e a descompressão no chamado espaço blend.

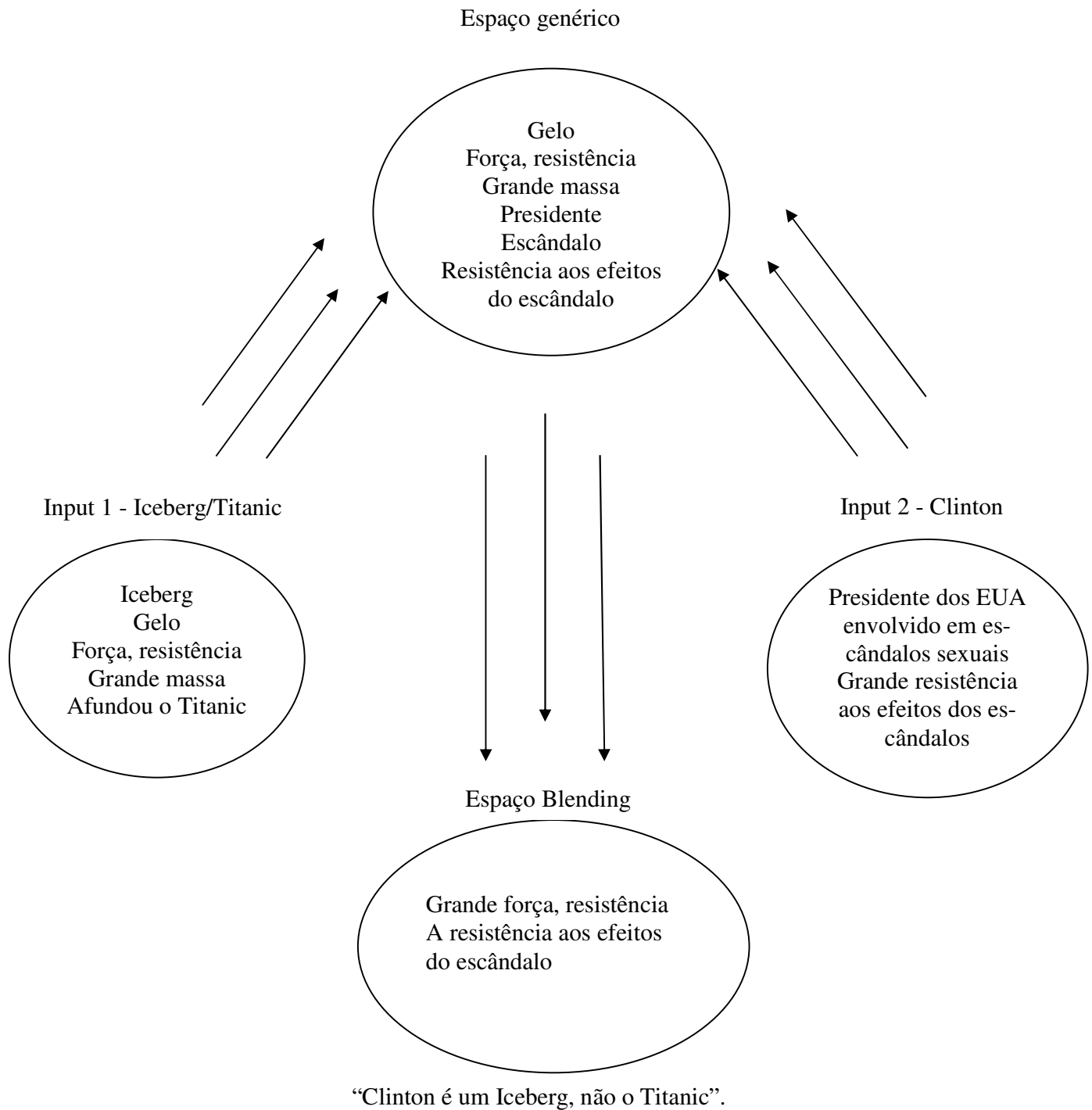
Temos, nesse caso, uma única operação mental, sendo que esta se divide em três partes, as quais receberam a seguinte denominação: Imaginação, Identidade e Integração. Denominadas os 3 I da mente, essas são operações humanas universais, e é a partir delas que alcançamos o espaço blending ou mesclado.

Esse espaço mesclado é resultado da mescla de dois ou mais espaços entre os quais a nossa mente foi capaz de imaginar, identificar e construir esse espaço por meio da integração dessas identidades.

Fauconnier (entrevista citada) nos fala que atividades mentais muito complexas são realizadas nesses elementos. Como exemplo, ele nos oferece uma metáfora : “Se Clínton fosse o Titanic, o iceberg é que teria afundado”. Como o ex-presidente norte-americano foi extremamente criticado pelos seus inimigos e pela mídia, por ter se relacionado amorosamente com uma estagiária na Casa Branca, era de se supor, que sofresse impeachment. Mas, para a surpresa de todos, o efeito foi oposto. A sua popularidade aumentou e ele se manteve firme no governo. Desse fato, surgiu a metáfora. Vejamos o exemplo de Fauconnier dentro do esquema de mesclagem.

Para que haja compreensão desse exemplo, temos que abrir um espaço mental da história do Titanic, o navio inglês que afundou ao bater em um iceberg em 1912, em uma viagem inaugural. Faz-se necessário também, abrir outro espaço relativo às acusações sofridas por Clinton. E, por último, precisamos construir um terceiro espaço a partir dos dois já existentes. Como resultado, teremos um Clinton-Titanic, cuja força é maior que um iceberg. Mesmo que não encontremos nenhuma analogia de qualquer natureza entre esses exemplos, é tarefa da nossa atividade mental relacioná-los.

Vejamos o seguinte exemplo ilustrativo:



Nessa história temos um exemplo de integração por compressão. Comprimos os eventos em uma história bem mais simples. Nela, a relação de causa e efeito foi reduzida a um único evento. Fauconnier e Turner asseguram que a compressão obtida por meio das mesclas é um dos aspectos mais importantes que comprovam nossa criatividade e eficiência.

Nós não estabelecemos espaços mentais, conexões entre eles e mesclas à toa. Fazemos isso porque isso nos dá um insight global, uma compreensão em escala humana e novos significados. Isso nos torna eficientes e criativos. Um dos aspectos mais importantes da nossa eficiência, insight e criatividade é a compressão conseguida por meio das mesclas. (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.92).

A partir do exemplo acima, é possível perceber que a mesclagem ou integração conceptual é uma operação mental que nos possibilita criar novas realidades. E é essa capacidade de imaginar que nos possibilita o desenvolvimento das artes, linguagem, cultura, ciência, religião, etc.

Esse processo implica a configuração de dois domínios de conhecimento, os chamados input 1 e 2; um terceiro domínio, o espaço genérico que reflete e define a correspondência entre esses domínios; e um quarto domínio, o espaço mescla. Nele encontramos propriedades dos dois inputs; ele também apresenta propriedades originais e uma estrutura própria que resulta numa estrutura emergente.

Esse processo de integração é realizado comumente por meio da metáfora que nos permite estruturar e entender o conhecimento entre diferentes domínios, por intermédio dos quais estabelecemos conexões entre coisas aparentemente não relacionadas.

5.1. Integração conceptual como processo de “esfriamento”

O desconhecimento do léxico acarreta dificuldades no processo de compreensão do texto. A utilização de analogias, metáforas, esquemas de imagem, comparações, recursos de presença, parábolas, podem funcionar como recursos de esfriamento de texto.

Essas estratégias proporcionam ao leitor entender melhor os textos. Veja o que diz Abreu (2001, p. 74):

A utilização de metáforas tem exatamente esta função: procura pescar no repertório uma imagem de que ele se possa servir para entender o conteúdo proposicional de um texto.

5.2. Integração conceptual e criatividade

Fauconnier (1997, p.49-91) apresenta-nos a integração conceptual ou *blending* como um importante processo cognitivo responsável, em grande parte, por nossa criatividade.

Abreu (2003, p. 12) mostra como uma famosa música de Vinícius de Moraes, ao compor a música *Regra Três*, fez uso desse procedimento para trazer, indiretamente, o frame do futebol para as relações amorosas. Vejamos um trecho dessa música:

Tantas você fez que ela cansou
Porque você, rapaz
Abusou da regra Três

(Regra Três, Toquinho e Vinícius de Moraes)

É preciso dizer que o futebol tem 17 regras. A regra 1 refere-se ao campo de jogo, a 2, à bola e a 3, ao número de jogadores em campo, determinando que pode haver até 3 substituições de atletas durante uma partida, que eles devem entrar pela linha central do campo etc. No caso da música de Vinícius, *abusar da regra 3* significa o rapaz, durante um relacionamento, exagerar em sair com outras garotas. Segundo Abreu (op. cit) *essa substituição faz parte de uma regra implícita (machista, obviamente) fundamentada em dados histórico-culturais, a respeito do comportamento masculino.*

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p.48), aquilo que existe no espaço blend não existe nem no input 1, nem no input 2. Não existe, no futebol, por exemplo, nenhuma situação em que um jogador seja substituído às escondidas, permanecendo o outro em campo; nem existe, no relacionamento amoroso, um conjunto de regras que permita a traição, sancionado por uma World Relationship Association. Vejamos um outro exemplo:

A cantora Pitty na letra da música *Na sua estante*, também integrou espaços diferentes e deles emergiu um resultado bastante criativo. Veja que a frase *Só por hoje não vou tomar minha dose de você*, faz com que imediatamente se abra um espaço mental que remete o ouvinte da música para o contexto de pessoas que desejam livrar-se de algum vício, seja ele de drogas, alcoolismo, e abre um novo espaço, em que o eu-lírico deseja livrar-se de alguém que traz sofrimento. Como essa separação não acontece sem dor, sem passar pelo processo de abstinência, diz a cantora em sua letra:

Só por hoje não quero mais te ver
Só por hoje não vou tomar minha dose de você
Cansei de chorar feridas que não se fecham
Não se curam
E essa abstinência uma hora vai passar...

Exemplos como esses fazem transparecer a força criadora inerente à linguagem de todos os dias. Um olhar atento sobre ela nos fará reconhecer a frequência de expressões metafóricas. No texto literário, que é o lugar por excelência das figuras de linguagem, podemos também destacar alguns exemplos de integração conceptual.

Vejamos um trecho de um poema de Oswald de Andrade:

As meninas da gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

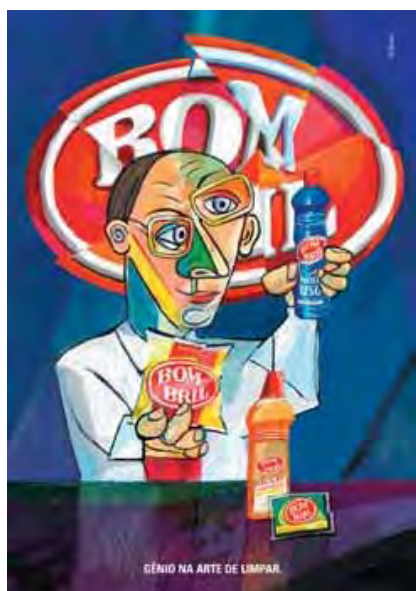
Nesse poema, Oswald integra conceptualmente um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha a seus versos. Em sua carta, Caminha refere-se às índias que ostentavam belos seios (vergonhas altas e saradinhas) e disso não sentiam vergonha, pois eram inocentes. No poema do autor modernista, as meninas da gare (gare é estação ferroviária em francês) são prostitutas e, por isso, não sentem vergonha. Vemos, pois, que a intertextualidade é, também um fenômeno de integração conceptual.

5.3. Integração conceptual na propaganda



A propaganda costuma usar o recurso da integração conceptual para divulgar seus produtos. Escolhemos apenas algumas para mostrar como esse mecanismo é capaz de associar

seus produtos a determinadas imagens. Por meio dessa associação espera-se que o interlocutor adquira o produto. A primeira imagem que apresentamos mostra-nos o ator que se posiciona e se veste como se fosse a Mona Lisa de Leonardo Da Vinci ao lado dos produtos da Bom Bril. E traz a mensagem de forma explícita que diz que somente os produtos dessa marca são capazes de deixar sua roupa macia e perfumada, ou seja, uma verdadeira obra prima.



Este anúncio escolhido nos remete ao gênio da pintura; Picasso. E de forma criativa temos a pintura do grande mestre também associada aos produtos da marca Bom Bril. E o slogan complementa a imagem deixando sua mensagem. Assim como o gênio da pintura, os produtos também têm sua genialidade e esta consiste na arte de limpar.

5.4. Integração conceptual e a criação de espaços referenciais



A primeira imagem é do tio Sam, figura que personifica o poder dos Estados Unidos. Segundo a literatura americana, esse personagem teria sido criado pelo soldados americanos no norte do estado de Nova York, pois recebiam barris de carne com as inscrições U.S. (United States) e começaram a brincar com a sigla, e dessa brincadeira nasceu um dos personagens mais populares do mundo. A primeira aparição desse nome ocorreu em 1812. Porém, só em 1852, ele surgiu tal qual o conhecemos hoje, vestindo as cores e os elementos da bandeira norte-americana. A segunda imagem selecionada, mostra um soldado na mesma estrutura organizacional que o primeiro, o dedo em riste apontando para o interlocutor. Ao invés das cores da bandeira norte-americana encontramos as cores que representam o Brasil. O capace-

te e a bandeira do Estado de São Paulo nos remete a revolução de 1932. O slogan tanto da primeira imagem, quanto da segunda, utiliza verbos no imperativo e chama o interlocutor a compartilhar de seus apelos. O leitor que conhecer a figura de Tio Sam, também reconhecerá o espaço referencial criado a partir da integração de outras imagens que estabelecem esse elo.

Fauconnier e Turner (2002,p.123), asseguram que “os espaços de input espelham o outro no sentido de que eles têm o mesmo enquadre organizacional.”

Com relação à terceira imagem selecionada, temos o astro “pop star” Michael Jackson, integrado no símbolo americano . Nela há uma crítica implícita, que cria uma orientação negativa à respeito do cantor, acusado de pedofilia. Portanto, o mesmo referencial, pode ser utilizado tanto de maneira positiva quanto negativa.

5.5. Integração Conceptual e Argumentação



A série de figuras ao lado retratam a cadeia evolutiva do ser humano. A figura que aparece no final da fila representa o homem primata, e as outras representam o homem em constante evolução. A primeira foto da fila representa o homem do século XXI, forte, livre de gorduras, físico invejável e, em suas mãos, está o segredo para que o interlocutor também possa atingir essa estética. Todas as figuras estão segurando alimentos

(peixe, coxa de frango, prato de comida, fast food, suplemento). O texto não verbal junto com o texto verbal “Evoluir é Preciso” busca convencer o consumidor a adquirir o produto por eles anunciado, o suplemento. A integração conceptual neste exemplo acontece por compressão. As imagens nos sugerem a seguinte informação: o suplemento é o alimento necessário para o homem moderno. Ou seja, se você não consome o suplemento, significa que você não acompanhou a evolução, ficou para trás e ninguém quer isso para sua vida. A história evolutiva do homem retrata desde a descoberta do fogo à tecnologia que permite a ele ingerir alimentos em cápsulas, a evolução dos padrões alimentares que ocasionou a transformação não só da cultura e do comportamento, mas também do corpo humano. E é esse apelo produzido pela mídia, pela indústria da beleza, que faz com que as pessoas busquem o tempo todo, cirurgias plásticas, cosméticos, vitaminas, suplementos, etc.

5.6.Integração conceptual e desintegração ou desabilitação de elementos do frame do conto de fadas

Há certas expressões que nos remetem ao conto de fadas. Ao ouvirmos frases como “era uma vez”, “e viveram felizes para sempre”, imediatamente ativamos o frame que compõem o imaginário infantil: príncipes que enfrentam dragões para salvar as princesas, histórias que utilizam uma estrutura narrativa padronizada. Em outras palavras, no final da história a mocinha é salva e vive feliz para sempre com seu amor. Temos, então os elementos do frame do conto de fadas: príncipe, princesa, vilão, obstáculo, final feliz.

O processo de desintegração ocorre na pequena história que relatamos a seguir, pois “o príncipe” não consegue superar o “imprevisto”, e viver feliz para sem-

pre. Essa felicidade é interrompida pelo aparecimento de alguém que não estava nos planos e se mostra muito melhor do que ele.

Fora dos planos

E viveram felizes para sempre, que durou até um pequeno imprevisto. O imprevisto era alto, loiro, de olhos azuis, tinha um papo mais divertido e tirava notas melhores do que ele.¹⁹

Apesar de o texto conter a fórmula que finaliza os contos de fada, essa fórmula é desintegrada quando o leitor se depara com a quebra da sequência: “E viveram felizes para sempre” versus “durou até”. Veja que se abre na mente do interlocutor um espaço que já não é o esperado nos contos de fada. Nesse ponto, sabemos que a história terá outro rumo.

5.7. Integração conceptual em textos jornalísticos

Alguns textos jornalísticos funcionam como porta de entrada para aprofundarmos o conhecimento dos alunos em relação aos clássicos. Vejamos um texto de Carlos Heitor Cony, cronista da Folha de S. Paulo

O frágil lenho

Costumo dizer, sem nenhuma originalidade, que a era do computador ainda está na Pré-História. Nossos equipamentos, por mais sofisticados que sejam, são equivalentes aos dinossauros que habitavam a Terra antes do Dilúvio. O que vem por aí não se sabe.

¹⁹ Marques, Miguel Nakajima. Fora dos planos. In: Rossato, Edson (org). Contos ao mar: antologia de contos e microcontos. São Paulo: Andross, 2006.

A tecnologia tem disso, o elemento surpresa, que nem sempre é bom — dependendo do uso que dele se faz. A indústria nuclear, por exemplo, é um osso atravessado na garganta da humanidade, mais especificamente da ciência. Mesmo nos avanços mais inocentes, há sempre um velho do Restelo para amaldiçoar aquele que por primeiro colocou uma vela em frágil lenho — para citarmos Camões.

A cena é conhecida. A esquadra de Vasco da Gama preparava-se para zarpar rumo ao desconhecido quando um velho apareceu no cais, amaldiçoando a expedição, na qual tantos morreriam. O velho condenou quem teve a ideia de colocar uma vela de pano num barco de frágil lenho.

Pois tudo se resume a isso: alguém cisma de botar um pedaço de pano num troço feito de madeira e pronto, a era das navegações estava começando, com os fenícios, depois com portugueses, espanhóis, venezianos. E tivemos Marco Polo, Colombo, Américo Vespúcio e o mundo novo.

Qualquer barca que faz o percurso Rio-Niterói, tecnologicamente dá um banho nos navios mais sofisticados daquela época. A informática é comparada a um tipo de navegação. Navegar na internet é expressão aceita universalmente. E ainda estamos no estágio da vela de pano em frágil lenho.

Nossa geração, inclusive as crianças que agora estão nascendo, poderão repetir o espanto de dom Pedro 2º quando experimentou pela primeira vez o telefone. Assustado, o imperador pediu que tirassem "aquele homenzinho" que estava falando dentro do aparelho.

(Folha de S. Paulo, 29.04. 2010)

O colunista da Folha foi buscar um exemplo na epopeia de Camões para compará-lo com a atual situação tecnológica. Diz ele que nossos computadores são equivalentes aos dinossauros. O texto segue sempre avaliando negativamente os avanços tecnológicos: “Mesmo nos avanços mais inocentes, há sempre um velho do Restelo para amaldiçoar aquele que primeiro colocou uma vela em frágil lenho”.

É bastante óbvio que o discurso de Cony não corresponde à verdade, visto que os computadores de hoje são extraordinariamente avançados. Os supercompu-

tadores, por exemplo, conseguem fazer um quatrilhão de cálculos por segundo e foram utilizados para mapear o genoma humano. Em seu texto, Cony vê os avanços tecnológicos como ruins, quando diz: *“O velho condenou quem teve idéia de colocar uma vela de pano num barco de frágil lenho.”*

Em outras palavras, o velho representa o passado e a estagnação. Ele amaldiçoa o primeiro homem que foi capaz de dar início às grandes navegações, pois, na época das grandes navegações, os marinheiros não dispunham de nenhuma garantia. Simplesmente optavam por essa aventura e sabiam que dela poderiam nem mesmo voltar com vida.

O *“frágil lenho”* é uma metáfora que representa todos os perigos a que os lusos estavam expostos. Fez a projeção “o frágil lenho” para a era da informática. Vejamos o trecho que Cony utilizou para criar a sua intertextualidade / integração conceptual:

— "Ó maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho!
Nunca júizo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória.

(Camões, Lusíadas, Canto IV, 102)

Embora o tema abordado nos tenha parecido “falta de assunto”, o autor não deixou de escrevê-lo de forma criativa. E trouxe à tona o velho personagem de Camões, figura que representa o conservadorismo, a tradição.

Numa aula prática, primeiramente, pedi aos alunos que pesquisassem a obra *Os Lusíadas* e especialmente o canto IV. Mostrei a eles alguns trechos em que aparecem figuras da mitologia, que deveriam também aparecer na pesquisa.

A partir desse primeiro contato, começamos um debate sobre as grandes navegações, os perigos que os portugueses enfrentaram sem que estivessem prontos para isso.

Como já dissemos anteriormente, todo texto é apenas *a ponta do iceberg*. O texto de Cony serviu como forma de aproximação do texto de Camões. A partir daí, surgiram assuntos como inquisição, mitologia etc. Pudemos observar como o texto de Cony se integra com o texto de Camões dentro de duas camadas de integração conceptual.

As analogias que Camões usa por meio da figura do velho do restelo, funcionam como *recursos de presença*. Ele busca na mitologia exemplos de seres que fracassaram porque eram movidos pela ambição. Dessa forma, pretende alertar os portugueses para que não façam o mesmo.

Foi feito um trabalho junto aos alunos para que percebessem a força argumentativa que o autor conseguiu no seu texto, pelo fato de saber fazer dos recursos cognitivos. E também, mostramos a eles que a expressão consagrada “velho do restelo” pode ser projetada em infinitas situações, e essa figura representa o conservadorismo.

Para que compreendessem bem como o processo de projeção pode afetá-los, demos um exemplo de projeção:

Quando alguém lhe disser que você está agindo como o velho do restelo, pode ter certeza que isso não é um elogio e sim uma crítica. Essa pessoa provavelmente está querendo dizer que você não está aberto a novas idéias, que é um sujeito que não acompanha as mudanças exigidas pelo século XXI.

Esse foi o primeiro texto apresentado aos alunos para que entrassem em contato com os recursos cognitivos e pudessem perceber como as projeções podem nos afetar diretamente. Puderam constatar a importância de conhecer as expressões cristalizadas como a que acabamos de ver. A falta de leitura implica na falta de conhecimento de mundo e a falta desse conhecimento implica na nossa visão de compreender melhor tudo o que nos cerca. Se você disser a alguém que ele está agindo como o velho do restelo e ele não conhecer esse referencial, certamente, ele não entenderá a mensagem que está subentendida nessa projeção.

Essa observação fez com que os alunos percebessem o quão é importante buscar diferentes leituras, buscar conhecimento, para que ele não faça parte da triste estatística dos analfabetos funcionais.

5.8. Integração Conceptual da parábola no texto jornalístico de opinião

Vejamos, como ponto de partida, o artigo de opinião de Carlos Heitor Cony, intitulado “Tempo dos Mustafás”, publicado em 27 de maio de 2007, no jornal *Folha de S. Paulo*, por ocasião de mais um dos escândalos que, infelizmente, costumam acontecer em nosso país.

Tempos de Mustafás

Mal refeito das venturas e desventuras dos recentes escândalos da vida nacional — mensalão, bingos, correios, sanguessugas e agora as navalhadas de uma operação que ameaça cortar mais carne —, fiquei como sempre sem entender nada, misturando nomes, siglas, cifras e façanhas. Um samba do crioulo doido que nem me distrai.

Tive experiência anterior, quando, numa das Copas do Mundo, fui obrigado a ouvir pelo rádio um jogo de duas seleções de países árabes, transmitido por um exaltado locutor marroquino ou egípcio — não tenho certeza. Durante 90 minutos, com o descanso regulamentar do primeiro para o segundo tempo, fiquei sem nada entender do que ouvia, percebendo apenas uma palavra que me parecia íntima: "mustafá". A impressão era a de que havia 22 Mustafás em campo, distribuídos nos dois times e autores dos cinco gols da partida, sendo que um dos Mustafás foi expulso pelo juiz, que me parecia ser um Mustafá suplementar.

É mais ou menos assim que me sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais. Mal me habituo com um Mustafá que pagava deputados para votar a favor do governo e surge outro Mustafá que explorava casas de bingo, substitutos de outros Mustafás que compravam ou vendiam ambulâncias. É bem verdade que os nomes e as caras mudam, um deles é careca, outro é cabeludo, todos têm secretárias suspeitas que devem ser Mustafás honorárias.

O estoque é vasto. Cada Mustafá prepara o terreno para outros Mustafás entrarem na jogada. Quando cansam a paciência pública, são substituídos por novos Mustafás que adentram o gramado com a fúria de que vão decidir a partida, que nunca é decidida por causa dos Mustafás que estão no banco dos reservas, esperando sua hora.

Nesse texto, Cony nos conta uma pequena história sobre sua experiência de ter ouvido pelo rádio um jogo de futebol entre duas seleções de países árabes. Comenta sobre a maneira como o locutor fez a narração do jogo e de como não conse-

guia entender praticamente nada do que ouvia. Apenas uma palavra chegava aos seus ouvidos, “Mustafá”. Utiliza essa história para nos mostrar como se sente diante dos escândalos atuais da vida política nacional. Acrescenta a seu texto também uma alusão ao *Samba do Crioulo Doido*, composição musical cuja letra foi escrita pelo cronista carioca dos anos 60, Sérgio Porto, cujo pseudônimo era Stanislaw Ponte Preta, para satirizar a ignorância dos autores de escola de samba que, sem nível algum de escolaridade, metiam-se a redigir os sambas-enredos de suas agremiações.

Para a compreensão dessa crônica, teremos, pois, de ativar vários espaços mentais para conseguir atribuir sentido ao texto, por meio de uma série de projeções. O primeiro deles deve ser criado no momento em que o autor utiliza o já mencionado *Samba do Crioulo Doido* como ferramenta de referenciação para retomar a sequência de escândalos que acaba de citar. A letra o samba é a seguinte:

Foi em Diamantina / Onde nasceu JK
 Que a princesa Leopoldina / Arresolveu se casá
 Mas Chica da Silva / Tinha outros pretendentes
 E obrigou a princesa / A se casar com Tiradentes
 Lá iá lá iá lá ia / O bode que deu vou te contar
 Lá iá lá iá lá iá / O bode que deu vou te contar
 Joaquim José / Que também é
 Da Silva Xavier / Queria ser dono do mundo
 E se elegeu Pedro II
 Das estradas de Minas / Seguiu pra São Paulo
 E falou com Anchieta / O vigário dos índios
 Aliou-se a Dom Pedro / E acabou com a falseta
 Da união deles dois / Ficou resolvida a questão
 E foi proclamada a escravidão/ E foi proclamada a escravidão
 Assim se conta essa história/ Que é dos dois a maior glória
 Da Leopoldina virou trem / E D.Pedro é uma estação também
 O, ô , ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou
 O, ô , ô, ô, ô / O trem tá atrasado ou já passou

Não é difícil perceber os disparates históricos com mistura de personagens e de épocas, acrescida de “non senses” como a “proclamação da escravidão”. A partir da referenciação anafórica proposta por Cony, o leitor deve abrir um espaço mental e criar uma mesclagem entre toda essa balbúrdia e os escândalos enumerados.

O segundo espaço mental tem como domínio de origem (ou input 1) um jogo de futebol, com todas as suas regras: 22 jogadores em campo, regras de substituição, banco de reservas etc. etc. O “estranhamento” é provocado pela situação do narrador pelo fato de, não entendendo árabe, ser capaz apenas de distinguir um único nome próprio dado a vários jogadores do mesmo time, incluindo também o juiz da partida. O domínio alvo (ou input 2) são as “jogadas políticas” realizadas pelos deputados e senadores da república.

No espaço blend, em que acontece a “compressão”, ficam em destaque os seguintes fatos:

- a profusão de políticos corruptos no país;
- a dificuldade em identificá-los;
- o fato de que sempre há novos políticos corruptos surgindo a cada momento.

O primeiro passo, então, é descrever o processo completo de projeção e compressão. O próximo passo é explicitar sua funcionalidade, pois uma segunda e importante função das parábolas é a projeção de valores, o que as transforma em poderoso fator de persuasão que, como sabemos, está sempre vinculado a valores.

Os valores do interlocutor são de extrema importância para o locutor. Se ele não os conhecer, dificilmente conseguirá sucesso no processo de persuasão. Os valo-

res estão intrinsecamente ligados as nossas emoções, portanto, eles diferem de uma pessoa para outra, em função da cultura, da experiência pessoal.

Meu objetivo, neste trabalho, foi fazer com que os alunos fossem capazes de, tendo entendido a natureza de um primeiro trecho de um texto, pudessem projetá-lo em sua segunda parte, construindo o sentido da parábola. Estudamos a metáfora sob uma perspectiva cognitivo-funcional e desenvolvemos atividades práticas em sala de aula, para que os alunos percebessem que poderiam usá-la como importante ferramenta no processo argumentativo.

Ao longo dos anos trabalhando como docente, percebi a grande dificuldade dos alunos em compreender um texto, fazer um resumo. Foi então que surgiu a idéia de trabalhar com reescrita de textos, ensinando a eles os processos argumentativos.

Capítulo 6

Aplicação do recurso da parábola e das imagens à prática de leitura no ensino médio

A segunda parte deste trabalho inicia-se com a aplicação dos recursos cognitivos aplicados à prática de leitura. Nesse momento veremos como a aplicação das teorias vistas e analisadas na primeira parte, a prática da sala de aula resultou numa melhor compreensão leitora dos alunos.

Além do texto de Cony, utilizamos mais três artigos de opinião em sala de aula: *Meu pé de eucalipto*, *Versalhes* e *O grosso e o fino*. A escolha de textos jornalísticos de diferentes origens e qualidade, teve como objetivo oferecer aos alunos uma amostra do tipo de leitura diária que eles enfrentam ao ler a mídia .

Meu pé de eucalipto

Escrevendo a história de um meninozinho que um dia descobriu a dor, José Mauro de Vasconcelos escreveu o *meu pé de laranja lima*. Sua grande tristeza acontece ao final quando cortaram seu pé de laranja lima, mas como disse um dia Álvaro Duarte, os livros de José Mauro têm o perfume das matas, a beleza dos pássaros, a amenidade dos rios e o fragor das cachoeiras. Tudo cheira a Brasil!

Não vivi a história triste de Zezé, nem sua infância miserável, mas já adulto tive uma lição de vida para nunca mais deixar de refletir ao fazer minhas escolhas.

Em minha chácara, bem ao fundo beirando a represa, havia um frondoso eucalipto. Era uma árvore enorme, bem diferente do pequeno pé de laranja lima de Zezé, e quando ventava mais forte seus galhos mais altos inclinavam tanto, que parecia que suas raízes não aguentariam .

Na chácara ao lado, um bom e calmo vizinho pedia-me com relativa insistência para cortar o tão temido eucalipto. Dizia-me que a queda da árvore poderia atingir sua casa e mesmo assim, sempre duvidei que uma árvore tão grande não possuísse raízes compatíveis com seu tamanho. A natureza é sábia, a árvore não corre nenhum risco, dizia-lhe sempre.

No meu trabalho, também tinha um belo jardim e uma grande quantidade de árvores e essas eu vi crescer durante meus 24 anos de serviço naquele local. O belo jardim sempre recebeu os cuidados de meu xará, carinhosamente chamado de Mané. Além de jardineiro, era também um grande violeiro, que se dedicava a cantarolar as mais famosas modas de viola, mesclando com algumas composições de sua autoria. Formou dupla com Loirinho, um outro jardineiro, e Moreno e Loirinho chegaram até a gravar um CD.

Certo dia, desafiei Mané: - Você que é tão bom em plantar árvores, seria capaz de cortar uma?

— É mais fácil, Loirinho e eu cortamos qualquer árvore. Destruir a natureza é muito mais simples do que preservá-la.

Na semana seguinte, pegamos rumo da chácara, parando no caminho para comprar um pedaço de corda. Achei aquela escolhida por Mané um tanto fina, mas ele disse que era apenas “para dar o tombo no lugar certo”. Eucalipto amarrado, começaram as machadadas e, depois de algum tempo, resolvi esperar dentro da casa fazendo algumas orações. Um grande estralo e o forte barulho da queda do gigante. Corri para a porta e lá estava ele deitado exatamente sobre a casa do vizinho.

Algumas horas depois, enquanto a dupla de violeiros trabalhava para tirar a árvore de cima da casa, telefonei ao vizinho e o diálogo aconteceu mais ou menos assim: - Seu Jorge, aqui é Manuel, seu vizinho de chácara, como vai o senhor?

—Vou bem. Corta ou não corta o eucalipto?

— Estou telefonando para dizer que cortei.

— Que bom, Manuel que notícia boa.

Neste início de ano eleitoral, o episódio volta em minha memória lembrando-me como são importantes nossas escolhas. Vamos eleger aqueles que cuidarão do nosso Estado e País pelos próximos quatro

anos. Colocar nestes postos pessoas inexperientes, sem fazermos uma análise profunda do que já fizeram no passado em termos de administração pública será infinitamente pior do que fiz ano passado parar cortar meu pé de eucalipto.

(Manuel Carlos Cardoso – *Correio Popular*)

Versalhes

Luis 14, o Rei Sol, construiu em Versalhes palácios e jardins deslumbrantes e transferiu a capital política e administrativa francesa para lá, em 1682. Sem paralelos anteriores por sua grandiosidade, é considerada até hoje uma das maravilhas arquitetônicas do mundo. Brasília nasceu em 1960, majestosa e esplêndida, com pose e pinta de capital. Sua localização, no cerrado, levaria o progresso a todas as regiões brasileiras.

Versalhes era ostentosa e sua manutenção era uma hemorragia dos ganhos da indústria e do comércio franceses da época e drenava cerca de um décimo do total de suas receitas. Os custos de conservação de Brasília são altos. Dados da ONG Transparência Brasil apontam que um minuto de trabalho do Congresso brasileiro custa R\$ 11.545, 0 orçamento legislativo é superior a R\$ 6 bilhões, o triplo que o da França, o quádruplo que o do Reino Unido e o equivalente a 150 mil casas populares por ano. Notável.

Em Brasília, houve uma concentração de poder de renda. A população de Brasília cresce a taxas superiores às do crescimento da população do Brasil e sua renda ascende a taxas mais altas. Em 1985, a renda por habitante de Brasília era um terço superior à média brasileira; 15 anos depois, era mais que o dobro.

Versalhes serviu para a consolidação do poder central da França, esvaziando os poderes e as autoridades locais. É um dos símbolos do absolutismo. Paradoxalmente, os esforços e recursos para aumentar o poder do rei acabaram minando-o. A busca da glória pessoal e o isolamento tiraram o foco da política em engrandecer a nação. Quando in-

formaram à rainha Maria Antonieta que o povo não tinha pão, perguntou: “ Por que não comem brioches ?

A estrutura de receitas e gastos do Brasil não reflete as demandas da sociedade. Por um lado, a carga tributária é crescente, a burocracia fiscal brasileira é a mais demorada do mundo e o quadro institucional é obsoleto.

Por outro, os salários do setor público aumentam mais rapidamente que os do setor privado e os gastos públicos sobem a uma velocidade maior que a do PIB. Em vez de racionalizar a tributação, distribuindo melhor seu ônus, realizar as reformas e diminuir as despesas, existe uma proposta no legislativo de criar mais um imposto, a nova CPMF. Será que é para custear brioches?

(Roberto Luis Troster – *Folha de S. Paulo*)

O grosso e o fino

Fred Flintstone, criação da dupla William Hanna e Joseph Barbera nos quadrinhos e nos desenhos animados, acaba de fazer 50 anos. Todo mundo conhece. A graça dessa saga é que ela se passa na pré-história, mas eles já têm os nossos confortos do século 20: automóvel, televisão, geladeira, telefone, cinema, elevador, batedeira de bolo etc. A diferença é que é tudo movido a lenha.

Antes dele, outro herói das cavernas era Brucutu, criado em 1932 por V. T. Hamlin e também até hoje na praça. Graças à máquina do tempo do Professor Papanatas, Brucutu tem livre trânsito de antes a depois de Cristo e vice-versa, e já fez de tudo, desde imprimir um jornal na Idade da Pedra até chegar de dinossauro para embarcar num foguete. Em Brucutu, impera a alta tecnologia; em Flintstone, a baixa.

O Brasil poderia ser cenário dessas duas sagas simultaneamente. Aqui, o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que poucos se dão conta da esquizofrenia que isso envolve. Por exemplo: tem o sistema de votação e apuração de votos mais confiável do mundo — para eleger certos políticos em que ninguém, em sã consciência,

confiaria o cachorro para passear na rua. E há uma evidente contradição em entrar naquela cabine do século 21 e fazer surgir na tela o nome e a imagem do Tiririca, não? (Não que ele seja o pior.)

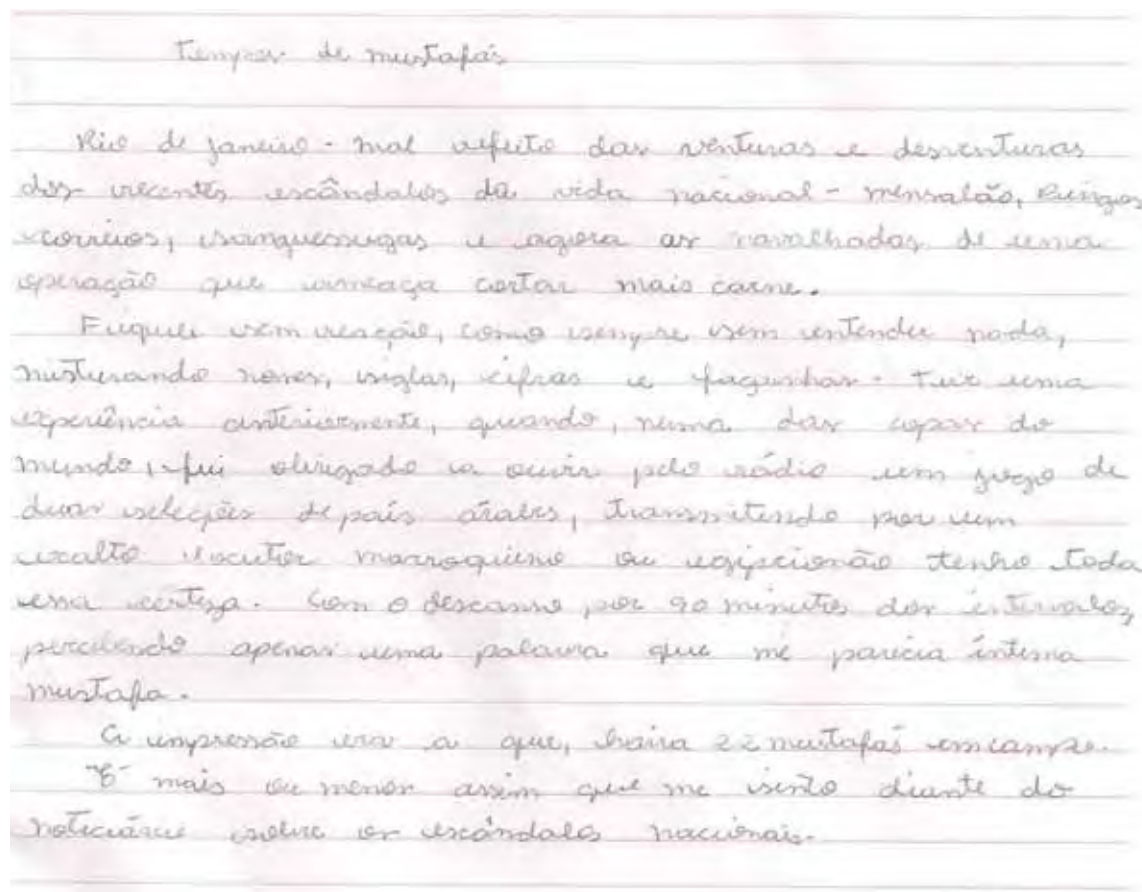
O país tem recursos inimagináveis em energia e ferramentas de última geração para explorá-los. Mas os ministérios a que tais riquezas se subordinam, de alta especialidade, são entregues a políticos profissionais de quem se duvida que saibam extrair uma raiz quadrada. Nossas favelas têm computadores, TVs de plasma, gatonet e micro-ondas, mas não têm esgoto — os apartamentos de luxo da Barra da Tijuca também não. E por aí vai.

É Flintstone e Brucutu no mesmo quadrinho, o grosso e o fino no mesmo Brasil profundo.

(Ruy Castro – *Folha de S. Paulo*, 4.10.201

Entendimento dos artigos de opinião sem explicações

Texto 1



Rio de Janeiro – Mal refeito das venturas e desventuras dos recentes escândalos da vida nacional – mensalão, bingos, correios, sanguessugas e agora as navalhadas de uma operação que ameaça cortar mais carne.

Fiquei sem reação, como sempre sem entender nada, misturando nomes, siglas, cifras e façanhas. Tive uma experiência anteriormente, quando, numa das copas do mundo, fui obrigado a ouvir pelo rádio um jogo de exalto locutor marroquino ou egípcio não tenho toda essa certeza. Com o descanso por 90 minutos dos intervalos, percebendo apenas uma palavra que me parecia íntima Mustafá.

A impressão era a que, havia 22 Mustafás em campo. É mais ou menos assim que me sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais.

Texto 2

Tempos de mustafás

Rio de Janeiro mal esconde escândalos de vida nacional - mensalão bingos, correios sangressugas e agora as manufaturas de uma operação que ameaça coarctar mais crime. Fiquei como sempre sem entender nada misturando nomes, siglas, cifras e facetas.

Sua experiência anterior, quando numa das copas do mundo, fui obrigado a ouvir de duas seleções Grebes transmitido por um exaltado locutor mineiro ou egípcio não tem o coetêgo. Fiquei sem nada entender de que ouvia percebendo apenas uma palavra que me parecia, intuitiva: "mustafá". A expressão é de que havia 22 mustafás em campo, distribuídos nos dois times e autores dos cinco gols da partida.

Assim que me sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais, mal me habito com um mustafá que passa deputados para votar a favor do governo e surge outro mustafá que explora casas de bingo, substitutos de outros mustafás que compram e vendiam ambulâncias, quando são substituídos por novos mustafás que adentram o governo com a força de que vão decidir a partida que nunca é decidida.

Cezar Horta Comy

Rio de Janeiro Mal refeito escândalos da vida nacional – mensalão, bingos, correios, sanguessugas e agora as navalhadas de uma operação que ameaça cortar mais carne. Fiquei como sempre sem entender nada misturando nomes, siglas, cifras e façanhas.

Tive experiência anterior, quando numa das copas do mundo, fui obrigado a ouvir de duas seleções árabes transmitido por um exaltado locutor marroquino ou egípcio. Não tenho certeza. Fiquei sem nada entender do que ouvia percebendo apenas uma palavra que me parecia íntima: “Mustafá”. A impressão é de que havia 22 Mustáfas em campo, distribuídos nos dois times e autores dos cinco gols da partida.

Assim que me sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais mal me habituo com um Mustáfa que pagava deputados para votar a favor do governo e surge outro Mustafá que explora casas de bingo, substitutos de outros Mustáfas que compravam ambulâncias quando são substituídos por novos Mustáfas que adentram o gramado com a fúria de que vão decidir a partida que nunca é decidida.

Texto 3

Mis de Gomeiro - Mal feito das venturas e desventuras dos recentes escândalos da vida nacional - imprensa, corrupção, binger, sanguesugos e agora as maldades de uma operação que amesca certas mais coisas, fiquei como sempre sem entender, misturando nomes, cifras, siglas e facanhas.

Sua experiência quando numas das copas do mundo, fui obrigado a ouvir pelo rádio um jogo de duas seleções de países árabes, transmitindo por um escalado locutor marroquino ou egípcio, não tenho certeza a impressão em ele que havia 22 montanhas no campo, distribuídas nos dois times e outras dos cinco gols da partida, sendo que um das montanhas foi expulso pelo juiz, que me parecia ser um montanha suplementar.

E mais eu mesmo assim que sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais.

Rio de Janeiro – Mal refeito das venturas e desventuras dos recentes escândalos da vida nacional – mensalão, correios,bingos, sanguessugas e agora as navalhas de uma operação que ameaça cortar mais carne, fiquei como sempre sem entender misturando nomes, cifras, siglas e façanhas.

Tive experiência quando numa das copas do mundo fui obrigado a ouvir pelo rádio um jogo de duas seleções de países árabes, transmitido por um exaltado locutor marroquino ou egípcio, não tenho certeza. A impressão era de que havia 22 Mustáfas no campo, distribuídos nos dois times e autores dos cinco gols da partida, sendo que um dos Mustáfas foi expulso pelo juiz, que me parecia ser um Mustáfa suplementar.

É mais ou menos assim que sinto diante do noticiário sobre os escândalos nacionais.

Esses três primeiros textos podem ser analisados conjuntamente, visto que os alunos não apresentam nenhuma reflexão. Fizeram apenas paráfrases do texto original, copiaram algumas partes e, quando questionados sobre o assunto abordado, não foram capazes de defini-lo adequadamente. Parece até que temos apenas um texto em mãos ao invés de três, de tão parecidos que estão. Esse fato vem apenas constatar que os alunos apresentam muitas dificuldades no quesito leitura, compreensão e produção textual.

Entendimento do texto depois de explicações sobre o funcionamento das parábolas e metáforas nos processos de projeção

Texto 4

PD. Português
 Texto: Templos de Mustafás

O texto relata com clareza, usando figuras de linguagem, bagunça que é a política. Onde há um jogo que todos os políticos jogam, onde vão mudando os nomes, vão trocando reservas, mas todos jogam o mesmo jogo da falcatura. E nós expectadores assistimos sem nada entender. Acabamos trocando os jogadores, substituindo um do qual conhecemos por um outro com nosso voto, e acabamos colocando mais um Mustafá em campo, e nós condenados a entender somente uma palavra sobre tudo o que nos afeta politicamente.

O texto relata com clareza, usando figuras de linguagem, bagunça que é a política. Onde há um jogo que todos os políticos jogam, onde vão mudando os nomes, vão trocando reservas, mas todos jogam o mesmo jogo da falcatura. E nós expectadores assistimos sem nada

entender. Acabamos trocando os jogadores, substituindo um do qual cansamos por um outro com nosso voto, e acabamos colocando mais um Mustafá em campo, e nos condenando a entender somente esta palavra sobre tudo o que nos afeta politicamente.

O aluno demonstra que fez uma leitura consistente em todos os seus aspectos. Percebeu a projeção feita pelo autor, quando este usou como recurso de presença a história vivida por ele. É interessante perceber que ele não apenas entendeu a passagem do domínio de origem para o domínio alvo na narrativa feita pelo autor, mas faz ainda uma outra projeção, desta vez de todo o texto para sua experiência pessoal, quando assume o ponto de vista da 1ª pessoa(plural).

Acabamos colocando mais um Mustafá em campo, e nos condenando a entender somente esta palavra sobre tudo o que nos afeta politicamente.

Podemos concluir, pois, que sua leitura foi altamente produtiva.

Texto 5



O texto compara o fato de o nome Mustáfa ser muito comum em países árabes, assim como acontece com os políticos corruptos aqui no Brasil. Ambos fatos confundem e você acaba não entendendo o que se passa no seu próprio país.

Além disso, o texto fala que isso é um “ciclo”, sempre haverá alguém para substituir os atuais “Mustáfas”.

Esse texto mostra que o aluno entendeu a integração conceptual entre a história e o propósito da autor em criticar a ação dos atuais políticos brasileiros. Todos os aspectos de projeção merecem atenção: Mustáfas entendidos como políticos corruptos que não se podem identificar, e a existência de um ciclo sem fim, a partir do frame de substituição de jogadores em campo, todos eles com o mesmo nome, projetado na substituição de antigos políticos corruptos por novos políticos igualmente corruptos. Nesse caso, o aluno manteve distância do texto, não assumindo para si a própria lição da parábola. O pronome você é empregado no texto apenas em sua função prototípica de índice de indeterminação do agente. Trata-se, no dizer de Grice, de uma implicatura conversacional.

Texto 6

Texto: Tempos de Mustar

O texto faz alusão à questão política do país, retratando de forma metafórica a desorganização e a ineficácia da política brasileira. No Brasil, podemos observar que a nossa política está sempre imersa em escândalos e crimes políticos, normalmente envolvendo em lavagem de dinheiro público, ou seja, a política brasileira tem como característica ter pessoas ruins e pouco interessadas no bem comum e justo.

Além disso, o texto também trata da visão da sociedade diante de todos os fatos costumeiros, uma visão distorcida, manipulada pela mídia, onde só vemos comentários e somos criados a não se interessar, nem entender, o que nos leva a esquecer rápido demais o que acontece. E também podemos considerar tudo isso como um ciclo contínuo e até perpétuo, onde a medida que sai o um do poder, seu substituto logo trata de aprender a "arte de política".

O texto faz alusão à questão política do país retratando de forma metafórica a desorganização e a ineficácia da política brasileira.

No Brasil, podemos observar que a nossa política está imersa em escândalos e crimes políticos, normalmente, envolvidos em lavagem de dinheiro público, ou seja, a política brasileira tem como característica ter pessoas ruins e pouco interessadas no bem comum e justo.

Além disso, o texto também trata da visão da sociedade diante de todos os fatos costumeiros; uma visão desentendida, manipulada pela mídia, onde só vemos comentários e somos criados a não nos interessar, nem entender, o que nos leva a esquecer rápido demais o que acontece. E também podemos considerar tudo isso como um ciclo contínuo e até perpétuo, onde a medida que sai um do poder, seu substituto logo trata de aprender a “arte de politizar”.

Nesse texto, o aluno não ficou limitado reproduzindo as palavras do texto que lhe foi entregue. Ele conseguiu reproduzir as ideias contidas no texto. Percebeu que a história dos Mustafás era apenas uma ponte (parábola) para nos remeter a história dos políticos corruptos do nosso país. Inseriu ainda exemplos próprios da má fé dos políticos, falando em lavagem de dinheiro, e de sua experiência com a mídia, ao dizer que somos manipulados por ela.

Entendimento do texto Meu pé de Eucalipto sem explicações

Texto 7

Meu pé de Eucalipto

José Mauro de Vasconcellos escrever a História do pé de laranjeira laranja do Jô. Sua grande tristeza aconteceu quando cortaram seu pé de laranjeira laranja. Já adulto tive uma lição de vida por nunca mais deixar de refletir de fazer muitas escolhas bem no fundo de minha chácara próximo a Represa. Havia um enorme pé de Eucalipto bem diferente do pé de laranjeira laranja e, quando ventava muito seus galhos mais altos inclinavam tanto que parecia que suas raízes não aguentariam. Na chácara ao lado meu bom e calmo vizinho pedia-me para cortar o tão temido pé de eucalipto.

Dizia-me que a queda da árvore poderia atingir sua casa e, mesmo assim, sempre duvidei que uma árvore tão grande não possuísse raízes competitivas com seu tamanho. Mas, a natureza é sábia e as árvores não correm nenhum risco. No meu trabalho tinha um belo jardim e uma quantidade de árvores e essas eu vi crescer durante meus 24 anos de serviço. O belo jardim sempre recebeu os cuidados do meu xeré, carinhosamente chamado de mamã e além de jardim eiro era também violário e gostava muito de cantar as mais famosas modas de viola com sua dupla, chegaram até gravar um CD.

Certo dia, desafiou mamã. Você que é tão bom em plantar árvores, seria capaz de cortar uma?

Semprei seguindo pegamos rumo à chácara passando no cemitério para comprar um pedaço de cordão. Com o Eucalipto amarelo do começo das machadadas e, depois de algum tempo, resolvi espantar demônios da casa fazendo muitas orações. Um forte barulho da queda do gigante correi para perto e lá estava deitado exatamente sobre a casa do vizinho. Algumas horas depois, telefonou para meu vizinho pedir para que cortasse o pé de eucalipto e ele gostou muito da notícia.

José Mauro de Vasconcellos escreveu a história do pé de laranja lima do Zezé, sua grande tristeza aconteceu quando cortaram seu pé de laranja lima. Já adulto tive uma lição de vida para nunca mais deixar de refletir de fazer minhas escolhas, bem no fundo de minha chácara próximo a represa havia um enorme pé de eucalipto bem diferente do pé de laranja lima e, quando ventava muito seus galhos mais altos inclinavam tanto que parecia que suas raízes não agüentariam. Na chácara ao meu lado, meu bom e calmo vizinho pedia me para cortar o tão temido eucalipto.

Dizia-me que a queda da árvore poderia atingir sua casa e, mesmo assim, sempre duvidei que uma árvore tão grande não possuísse raízes compatíveis com seu tamanho. Mas, a natureza é sabia e a árvore não corre nenhum risco. No meu trabalho tinha um belo jardim e uma quantidade de árvores e essas eu vi crescer durante meus 24 anos de serviço. O belo jardim sempre recebeu os cuidados do meu xará, carinhosamente chamado de Mané e além de jardineiro era também violeiro e gostava muito de cantar as mais famosas modas de viola com sua dupla. Chegaram até a gravar um CD.

Certo dia, desafiei Mané. Você que é tão bom em plantar árvores, seria capaz de cortar uma?

Semana seguinte pegamos rumo à chácara parando no caminho para comprar um pedaço de corda. Com o eucalipto amarrado começaram as machadadas e, depois de algum tempo resolvi esperar dentro da casa fazendo minhas orações. Um forte barulho de queda gigante, corri para a porta e lá estava deitado exatamente sobre a casa do vizinho. Algumas horas depois telefonei para o meu vizinho que cortei o pé de eucalipto e ele gostou muito da notícia.

Texto 8

Meu pé de eucalipto
 Em uma das áreas havia um pé de eucalipto muito forte e saudável que era do seu Manoel, do lado havia uma chacara, e a dona dessa chacara pedia com insistência para que ele cortasse o eucalipto, pois estava muito e muito forte, parecia que as raízes não iam aguentar.
 Um certo dia depois de muita insistência da vizinha seu Manoel resolveu cortar a árvore, e sem pensar ele confiou na palavra de um jardineiro, o velho prometeu cortar a árvore sem nenhum problema, quando o velho corta a árvore ela cai direto no telhado da vizinha e destrói tudo.
 Seu Manoel liga para a vizinha e conta que cortou a árvore e que não conta do acidente.

Em uma chácara havia um pé de eucalipto muito forte e saudável que era do seu Manuel, do lado havia uma chácara e o dono dessa chácara pedia com insistência para que ele cortasse o eucalipto, pois ventava direto e muito forte, parecia que as raízes não iam agüentar. Num certo dia, depois de muita insistência do vizinho, seu Manuel resolve cortar a árvore, e sem pensar, ele confia na palavra de um jardineiro, o velho prometeu cortar a árvore sem nenhum problema, quando o velho corta a árvore, ela caí direto no telhado do vizinho e destrói tudo.

Seu Manuel liga para o vizinho e conta que cortou a árvore, só que não conta o ocorrido.

Texto 9

MANUEL TINHA UMA CHÁCARA QUE NELA TINHA UMA ÁRVORE DE EUCALIPTO, MUITO GRANDE. QUANDO VENTAVA MAIS FORTE SEUS GALHOS SE INCLINAVAM MUITO, PARECIA QUE ELA IRIA CAIR.

SEU VICINHO SEU JORGE TINHA MUITO MEDO QUE A ÁRVORE CAISSE EM SEU QUINTAL, MAS MANUEL SEMPRE AFIRMAVA QUE NÃO. UM DIA EM SEU TRABALHO PERGUNTOU AO JARDINEIRO DO SEU TRABALHO CHAMADO DE MANÉ SE PODERIA CORTAR O SEU EUCALIPTO. DEPOIS FORAM ATÉ LÁ. MANUEL FICOU DENTRO DE SUA CASA ORANDO E CONFIANDO QUE O MANÉ DAVA CONTA. DE REPENTE UM ESTRALO E QUEDA GIGANTE. QUANDO ELE SAÍU DE CASA, A ÁRVORE ESTAVA EM CIMA DA CASA DO VICINHO. MANUEL LIGOU PARA SEU JORGE. ELE PERGUNTOU SE IRIA CORTAR A ÁRVORE, E MANUEL RESPONDE QUE JÁ TINHA CORTADO, MAS SABIA QUE TINHA QUE TER PENSADO DIREITO.

Manuel tinha uma chácara , nela tinha uma árvore de eucalipto muito grande. Quando ventava mais forte, seus galhos se inclinavam muito, parecia que ele iria cair.

O vizinho de Manuel, seu Jorge, tinha muito medo que a árvore caísse em seu quintal, mas Manuel sempre afirmava que não. Um dia em seu trabalho perguntou ao jardineiro do seu trabalho. Chamado de Mané, perguntou se ele poderia cortar seu eucalipto. Depois foram até lá. Manuel ficou dentro de sua casa orando e confiando que o Mané dava conta, de repente um estralo e a queda gigante. Quando ele saiu de casa, a árvore estava em cima da casa do vizinho. Manuel ligou para seu Jorge e ele perguntou se iria cortar a árvore, e Manuel responde que já tinha cortado, mas sabia que tinha que ter pensado direito.

O três alunos, autores desses textos fizeram apenas uma paráfrase do texto original e nem mencionaram a parte principal, o final da história. Veja que os textos foram concluídos de forma semelhante. Pode-se perceber que não houve compreensão de leitura. A pequena história contada por Manuel Carlos Cardoso, que deveria ser entendida como uma ponte para reflexão, é considerada por eles como história única. Não houve nenhuma menção ao fator político que estava explícito no texto, e que era a tese central defendida pelo autor.

Entendimento do texto depois de explicações sobre o funcionamento das parábolas e metáforas nos processos de projeção

Texto 10

Na história de Manuel Carlos, ele conta que na sua chácara existia um pé de eucalipto. Ele conta que era uma árvore enorme, bem de fundo, beirando a represa, e que quando chegava tarde, os galhos, mais altos, entediavam tanto, que parecia que o eucalipto não aguentaria. Seu vizinho chamado Joca, sempre pedia com insistência para cortar o eucalipto, pois ele temia que a árvore caísse em sua casa.

Certo dia, Manuel pediu para um jardineiro conhecido seu, para cortar o eucalipto. Uma semana depois o jardineiro chamou a um amigo também jardineiro, para ajudar nesse trabalho tão enojoso. Então, os dois foram até a chácara e cortaram o tal do eucalipto, mas, Manuel quando ouviu o barulho que fez a queda da árvore, correu para ver o que tinha acontecido, quando viu o eucalipto, sobre a casa do vizinho.

Essa história de Manuel Carlos nos faz refletir sobre esse início de ano eleitoral, que nós não podemos eleger qualquer um para compor o nosso país pelos próximos quatro anos, devemos fazer uma análise profunda do passado, de cada um!

Na história de Manuel Carlos, ele conta que na sua chácara existia um pé de eucalipto. Ele conta que era uma árvore enorme, bem ao fundo beirando a represa, e que quando ventava forte, os galhos mais altos entortavam tanto, que parecia que o eucalipto não agüentaria. Seu vizinho chamado Jorge, sempre pedia com insistência para cortar o eucalipto, pois ele temia que a árvore caísse em sua casa.

Certo dia, Manuel pediu para um jardineiro conhecido seu para cortar o eucalipto. Uma semana depois o jardineiro chamou a um amigo também jardineiro, para ajudar nesse trabalho tão cuidadoso. Então, os dois foram até a chácara e cortaram o tal do eucalipto, mas, Manuel quando ouviu o barulho que fez a queda da árvore, correu para ver o que tinha acontecido, quando viu o eucalipto sobre a casa do vizinho.

Essa história de Manuel Carlos nos faz refletir sobre esse início de ano eleitoral, que nós não podemos eleger qualquer um para comandar nosso país pelos próximos quatro anos, devemos fazer uma análise profunda do passado de cada um!

Nesse texto, o aluno nos mostra que compreendeu a projeção feita pelo autor. Ele finaliza seu texto, nos aconselhando a uma reflexão, que é a real proposta feita por Manuel Carlos Cardoso.

Fez, inclusive, uma segunda projeção da história toda sobre seu próprio comportamento futuro e dos leitores de seu texto, utilizando o ponto de vista de 1ª pessoa (plural):

Essa história de Manuel Carlos nos faz refletir sobre esse início de ano eleitoral, que nós não podemos eleger qualquer um para comandar nosso país pelos próximos quatro anos, devemos fazer uma análise profunda do passado de cada um.

Compreensão mais ampla, visto que, o aluno consegue perceber que a primeira história era apenas uma estratégia do autor. Para um bom entendimento deste texto, o leitor tinha que projetar a primeira história sobre a eleição, e isso é feito com êxito pelo aluno.

Texto 11



Resumo - Meu pé de eucalipto

Essa história relata um episódio marcante na vida de Manuel Carlos Cardoso. Ele conta sobre um estorcadouro pé de eucalipto, e sua decisão errada ao corta-lo.

De tanta insistência de seu vizinho, o seu Jorge, ele decide cortar o pé de eucalipto, mas o faz sem nenhuma consciência; a primeira pessoa em que ele pensa é no seu xará padrinho, que não tinha qualificação para tal.

Resumindo: o jardineiro levou a macho e o pé de eucalipto caiu em cima da casa do bom velhinho.

Moral da história: Com esse relato, ele quer que entendamos que, devemos pensar muito antes de tomar uma decisão, principalmente quando estamos nessas mãos decidir quem irá nos representar, ou seja, os senadores, os profetas, os deputados, e o clero, o Presidente da nossa nação.



Essa história relata um episódio marcante na vida de Manuel Carlos Cardoso. Ele conta sobre um estrondoso pé de eucalipto, e sua decisão errada de cortá-lo.

De tanta insistência de seu vizinho, o seu Jorge, ele decide cortar o pé de eucalipto, mas o faz sem nenhuma consciência, a primeira pessoa em que ele pensa é no seu xará jardineiro, que não tinha qualificação para tal. Resumindo: o jardineiro errou a mira e o pobre eucalipto caiu em cima da casa do bom velhinho.

Moral da história: com esse relato, ele quer que entendamos que, devemos pensar muito antes de tomar uma decisão, principalmente, quando está nas nossas mãos decidir quem irá nos representar, ou seja, os senadores, os prefeitos, os deputados, e é claro, o presidente da nossa nação.

Esse texto revela um aluno que demonstra pleno entendimento da história e percebe a real intenção do autor, quando este nos conta a história do seu Manuel. Tal como no texto anterior, ele faz uma segunda projeção, integrando a história como um todo em sua ação futura e dos leitores do seu texto, assumindo o ponto de vista de 1ª pessoa (plural):

Com esse relato, ele quer que entendamos que, devemos pensar muito antes de tomar uma decisão, principalmente quando está nas nossas mãos decidir quem irá nos representar, ou seja, os senadores, os prefeitos, os deputados e é claro, o presidente da nossa nação.

Um fato curioso foi qualificar o eucalipto como “pobre” e dizer que ele caiu sobre a casa do bom velhinho:

Resumindo: o jardineiro errou a mira e o pobre eucalipto caiu em cima da Casa do bom velhinho.

Bom velhinho é, usualmente, utilizado como epíteto para Papai Noel. *Pobre eucalipto* representa uma figura de antropomorfismo. Quero crer que, para isso, o aluno tenha “pescado” suas informações em seu conhecimento enciclopédico de mundo, vinculado a antigas narrativas infantis.

Texto 12

Meu pé de eucalipto

O texto relata a história de um homem que se chama Manuel. Ele mora em uma chácara, nela há um pé de eucalipto, seu vizinho de chácara implora a Manuel que corte esta árvore, pois teme que ela caia em cima de sua casa.

Diante desse apelo, contrata um jardineiro do qual ouvira falar, e este sem experiência para realizar esta tarefa, corta a árvore e ela cai justamente onde não deveria, em cima da casa do vizinho.

Essa experiência frustrada aconteceu porque Manuel não pensou antes de agir.

Então, que neste ano eleitoral, reflitamos muito, antes de elegermos as pessoas que irão cuidar do nosso país. Isso se não quisermos que a história vivida por Manuel aconteça novamente e o "pé de eucalipto" caia sobre nossa casa.

O texto relata a história de um homem que se chama Manuel. Ele mora em uma chácara, nela há um pé de eucalipto, seu vizinho de chácara implora a Manuel que corte esta árvore, pois teme que ela caia em cima de sua casa.

Diante desse apelo, contrata um jardineiro do qual ouvira falar, e este sem experiência para realizar essa proeza, corta a árvore e ela cai justamente onde não deveria, em cima da casa do vizinho.

Essa experiência frustrada aconteceu porque Manuel não pensou antes de agir.

Então, que neste ano eleitoral, reflitamos muito, antes de elegermos as pessoas que irão cuidar do nosso país. Isso se não quisermos que a história vivida por Manuel aconteça novamente e o “pé de eucalipto” caia sobre nossa casa.

O texto nos revela um leitor que foi capaz de entender que a primeira história contada por Cardoso, era apenas uma estratégia argumentativa do autor. Faz, também, uma segunda projeção dela sobre suas ações futuras e de seus leitores, assumindo o ponto de vista de 1ª pessoa (do plural). Perceba, ainda, uma terceira projeção feita pelo aluno, *pé de eucalipto* seria uma metáfora dos prejuízos que o eleitor receberia ao eleger candidatos inexperientes, e *casa* seria uma metáfora de *país*:

Então que neste ano eleitoral, reflitamos muito, antes de elegermos as pessoas que irão cuidar do nosso país. Isso se não quisermos que a história vivida por Manuel aconteça novamente e “o pé de eucalipto” caia sobre nossa casa.

Após a leitura deste texto, há que se constatar que o aluno não só fez uma compreensão adequada, como soube utilizar as projeções para escrever de forma mais atraente e com maior clareza de ideias.

Entendimento do texto sem explicações

Texto 13

Atividade de Português

Versalhes

Luis 14 ele construiu em Versalhe palácios deslumbrantes e ele transferiu a capital política para Lá, em 1682.

Versalhes em essentost e sua manutenção era hemorragia dos ganhos de indústria e do comércio franceses da época e drenava cerca de um décimo do total de suas receitas. Os custos de conservação de Brasília são altos.

Em Brasília, houve uma concentração de poder de renda. A população de Brasília cresce a taxa superiores às do crescimento da população do Brasil e sua renda ascende a taxas mais altas.

Versalhes serviu para a consolidação do poder central de France, centralizando os cargos e as autoridades locais, é um dos símbolos do Absolutismo.

A estrutura de receitas e gastos do Brasil não refletem as demandas da sociedade, por outro, os salários do setor público aumentam mais rapidamente que os do setor privado e os gastos públicos sobem a uma velocidade maior que a do PIB.

Luis 14 construiu em Versalhes palácios deslumbrantes e ele transferiu a capital política para lá em 1682.

Versalhes era ostentosa e sua manutenção era hemorragia dos ganhos da indústria e do comércio francês da época e drenava cerca de um décimo do total de suas receitas. Os custos de conservação de Brasília são altos.

Em Brasília houve uma concentração do poder de renda. A população do Brasil cresce a taxas superiores as do crescimento da população do Brasil e sua renda ascende a taxas mais altas.

Versalhes serviu para a consolidação do poder central da França, esvaziando os esforços e as autoridades locais, é um dos símbolos do absolutismo.

A estrutura de receitas e gastos do Brasil não refletem as demandas da sociedade, por outro, os salários do setor público aumentam mais rapidamente que os do setor privado e os gastos públicos sobem a uma velocidade maior que a do PIB.

Text014

Gusmões

Roberto Luiz Justen

Em Gusmões quando o texto foi contendo palácios, fardos de lumbros e transferiu a capital política e a administração francesa para lá em 1682. Ele compra construções em Gusmões que usam arquitetura com a sua construção em Brasília em 1960.

Os gastos que tinham com a Brasília era muito alto um minuto de trabalho do Congresso brasileiro custa R\$ 11.545, então os gastos eram muito.

Em Brasília, houve uma concentração de poder mundial, a população de Brasília cresceu as taxas superiores, e sua renda aumentou as taxas mais altas. Em 1985 renda per capita habitantes em Brasília era um pouco superior a média brasileira, e 15 anos depois era mais que o dobro.

Gusmões pediu a cidadania para a França, usando pedras e as autoridades locais. Um dos pontos absolutismo. Parado sobre os esforços, os recursos para aumentar o poder do rei e acabaram mudando-o. Quando imperador a rainha Maria Antonieta que o povo não tinha pão.

Os gastos no Brasil não refletem demandas da sociedade, por um lado a carga tributária é crescente, a burocracia fiscal brasileira é mais demandada do mundo e do quadro institucional é estável, e os salários do setor público aumentaram mais rapidamente do que o setor privado. Os gastos públicos são maiores do que PIB. Em vez de neutralizar a tributação

distribuição por áreas, algumas formas de aumentar as despesas, tem um projeto no legislativo de criar mais imposto, a nova CPMF.

Em Versalhes, segundo o texto, foi construído palácios, jardins deslumbrantes e transferiram a capital política e a administração francesa para lá em 1682. Ele compara construções em Versalhes com a construção de Brasília em 1960.

Os gastos que tinham com Brasília era muito alto, um minuto de trabalho do congresso brasileiro custa \$ 11.545, então os gastos era muito alto.

Em Brasília, houve uma concentração do poder de renda, a população de Brasília cresce as taxas superiores, e sua renda ascende as taxas mais altas. Em 1985 a renda por habitante em Brasília era um terço superior a medida brasileira, e 15 anos depois era mais que o dobro.

Versalhes serviu de consolidação para a França, esvaziando poderes e as autoridades locais. É um dos símbolos do absolutismo. Paradoxalmente os esforços, os recursos para aumentar o poder do rei e acabaram minando-o. Quando informaram a rainha Maria Antonieta que o povo não tinha pão.

Os gastos no Brasil não refletem as demandas da sociedade, por um lado a carga tributária é crescente, a burocracia fiscal brasileira é mais demorada do mundo e o quadro institucional é obsoleto, e os salários do setor público aumentaram mais rapidamente do que o do setor privado e os gastos públicos sobem maior que o PIB. Em vez de racionalizar a tributação distribuindo seu ônus, realizar formas de diminuir as despesas, tem uma proposta no legislativo de criar mais um imposto, a nova CPMF.

Texto15

Texto Versalhes

Luis 14, o rei se construiu em Versalhes palácios e jardins deslumbrantes e transferiu a capital política e administrativa francesa para lá em 1682. Por sua grandiosidade é considerada até hoje uma das maravilhas arquitetônicas do mundo. Brasília nasceu em 1960, majestosa e esplêndida com a pose e pinta da capital, pois a sua localização, no cerrado levaria o progresso a todas as regiões brasileiras.

Em Brasília, houve um poder de renda, uma concentração a população de Brasília cresceu a taxas superiores as de crescimento da população do Brasil e sua renda ascende a taxa mais alta. Em 1985 a renda de habitantes de Brasília era um terço superior a média brasileira. Passados 15 anos, era mais que o dobro.

Versalhes serviu como consolidação do poder central da França, esvaziando os poderes e autoridades locais. A busca da glória pessoal e o isolamento tiraram o foco da política em guerra agnóstica a nação. Os gastos do Brasil não refletem as demandas da sociedade, a burocracia fiscal do Brasil é mais demorada do mundo e a queda institucional é abjeta pois o salário do setor público aumentam mais rapidamente que os do setor privado e os gastos públicos que fazem com que sobe a velocidade mais que a do PIB.

Luis 14, o rei sol, construiu em Versalhes palácios, jardins deslumbrantes e transferiu a capital política e administrativa francesa para lá em 1682. Por sua grandiosidade é considerada até hoje uma das maravilhas arquitetônicas do mundo. Brasília nasceu em 1960, majestosa e esplêndida com a pose e pinta da capital, pois a sua localização no cerrado, levaria o progresso a todas as regiões brasileiras.

Em Brasília, houve um poder de renda, uma concentração, a população de Brasília cresceu a taxas superiores de crescimento da população do Brasil e sua renda ascende a taxa mais alta. Em 1985 a renda dos habitantes de Brasília era um terço superior a média brasileira. Passados 15 anos, era mais que o dobro.

Versalhes serviu como consolidação do poder central da França, esvaziando os poderes e autoridades locais. A busca da glória pessoal e o isolamento tiraram o foco da política em querer agradecer a nação. Os gastos do Brasil não refletem as demandas da sociedade, a burocracia fiscal do brasileiro é a mais demorada do mundo e o quadro institucional é obsoleto. Pois, o salário do setor público aumentam mais rapidamente que o setor privado e os gastos públicos que fazem com que suba a velocidade maior que a do PIB.

Esses três textos tais quais as situações anteriores em que não houve explicação sobre os processos de projeção, apresentam tão somente resumos-cópia do texto original.

Entendimento textual depois das explicações sobre as estratégias cognitivas

Texto 16

P.D. de Português

Análise de Texto

Versailles foi a capital francesa da França em 1682. Brasília, com a mesma imponência, também tinha sua riqueza e propósitos. Porém não há essas metas não foram cumpridas. Exemplo: a proposta não se alinha para a parte do país, ficou concentrada em Brasília; Os vários governantes não cumpriram, e não cumpriram promessas de melhoria na vida de todos o brasileiros. Toda a riqueza produzida fica com os próprios "comandantes".

Com a ambição do Rei para glorificar-se, o jogo de política foi esquecido. Entretanto, foi mal-sucedido. Com Brasília diante o mesmo, dá que os "reis" estão cada vez mais fortes.

Versalhes foi a capital financeira da França em 1682. Brasília, com a mesma imponência, também tinha sua riqueza e propósitos. Porém até hoje essas metas não foram cumpridas. Exemplo: o progresso não se alastrou para o resto do país, ficou concentrado em Brasília; os nossos governantes não cumpriram, e não cumprem promessas de melhoria na vida de todos os brasileiros. Toda a riqueza produzida fica com os próprios “comandantes”. Com a ambição do rei para glorificar-se, o foco da política foi esquecido. Entretanto, foi mal-sucedido. Com Brasília acontece o mesmo, só que os “reis” estão cada vez mais fortes.

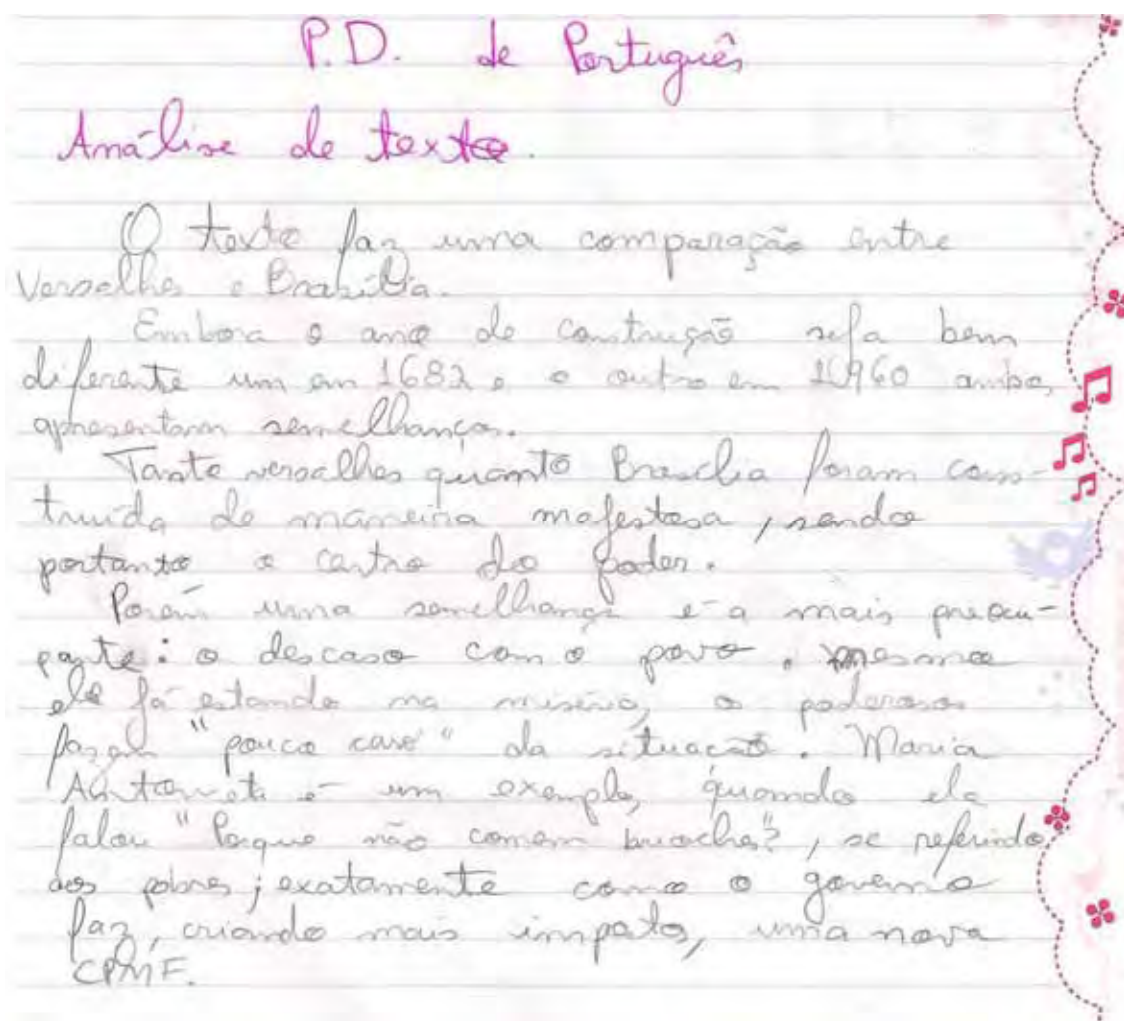
O aluno compreendeu perfeitamente o texto original fazendo corretamente a projeção da primeira parte sobre a segunda e o interessante é que aprendeu a utilizar estratégias cognitivas para dar ao seu texto maior força argumentativa.

O aluno usa de forma natural a referência anafórica de *comandantes* para nossos políticos, e os retoma, na última frase de seu texto pela metáfora de *reis*.

No primeiro caso, temos emprego de um processo normal de coesão léxica, mas, no segundo, sobrepõe-se a esse tipo de coesão, uma avaliação sarcástica, trazendo para seu texto a projeção do autor original.

*Toda a riqueza produzida fica com os próprios comandantes.
Com Brasília acontece o mesmo, só que os reis estão cada vez
mais fortes.*

Texto 17



O texto faz uma comparação entre Versalhes e Brasília.

Embora o ano de construção seja bem diferente, um em 1682 e o outro em 1960, ambos apresentam semelhanças.

Tanto Versalhes quanto Brasília foram construídas de maneira majestosas, sendo portanto o centro do poder.

Porém uma semelhança é a mais preocupante: o descaso com o povo. Mesmo, ele já estando na miséria, os poderosos fazem “pouco caso” da situação. Maria Antonieta é um exemplo, quando ela falou “porque não comem brioches”? se referindo aos pobres; exatamente como o governo faz, criando mais impostos, uma nova CPMF.

O aluno fez uma boa leitura textual, projetando adequadamente a história inicial sobre a segunda parte. Ele fez a analogia entre o que aconteceu na França e o que está acontecendo no Brasil.

Maria Antonieta é um exemplo, quando ela falou “Porque não comem brioches?” , se referindo aos pobres; exatamente como o governo faz, criando mais impostos, uma nova CPMF.

Texto 18

P.D. - PORTUGUÊS

Análise de texto: Versalhes

⊙ texto mostra como o Brasil, que em princípio se espelhava no modelo europeu de organização, passou a adotar tradições cada vez mais paudulentas e burocráticas, gerando problemas sociais e desperas, pagas pela nação que é cobrada cada vez mais para sustentar os organismos públicos que deveriam ser usados e revertidos em benefícios para a população, o que não ocorre, além de seus gastos ultrapassarem os de países de primeiro mundo, cuja civilização e preocupação com a nação é muito maior.

Assim, é visível a desorganização e desmoralização falha do ponto de vista de participação pública na divisão dos custos e benefícios

O texto mostra como o Brasil, que em princípio se espelhava no modelo europeu de organização, passou a adotar padrões cada vez mais fraudulentos e burocráticos, gerando problemas sociais e despesas pagas pela nação que é cobrada cada vez mais para sustentar os orçamentos públicos que deveriam ser usados e revertidos em benefícios para a população, o que não ocorre. Além de seus gastos ultrapassarem os de países de primeiro mundo, cuja civilização e preocupação com a nação é muito maior.

Assim, é visível a desorganização e democratização falha do ponto de vista de participação pública na divisão dos lucros e benefícios.

O aluno percebe a projeção que o autor fez ao comparar o Brasil com a França, mas expõe, na sua redação, apenas a segunda parte, “a moral da história”. Consegue, portanto, uma boa compreensão do texto original.

Entendimento do texto sem explicações

Texto 19

O grau e o finis

O texto nos fala sobre Fred Flintstone e Brucutu, nelas encontramos a baixa tecnologia dos Flintstone versus a alta tecnologia de Brucutu.

O autor nos mostra que o Brasil poderia ser o cenário dessas duas sagas simultaneamente. Diz ele que o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que poucas pessoas se dão conta da desigualdade que isso envolve.

Apesar de termos o sistema de votação mais confiável do mundo, elegemos candidatos que ninguém em sã consciência confiaria o carro para passar na rua.

O Brasil tem recursos inimagináveis em energia e ferramentas de última geração para explorá-los, mas esses recursos são entregues a políticos de quem se duvida que sabem extrair uma raiz quadrada.

O texto nos fala sobre Fred Flintstone e Brucutu, neles encontramos a baixa tecnologia dos Flintstone versus a alta tecnologia de Brucutu.

O autor nos mostra que o Brasil poderia ser o cenário dessas duas sagas simultaneamente. Diz ele que o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que poucas pessoas se dão conta da esquizofrenia que isso envolve.

Apesar de termos o sistema de votação mais confiável do mundo, elegemos candidatos que ninguém em sã consciência confiaria o cachorro para passear na rua.

O Brasil tem recursos inimagináveis em energia e ferramentas de última geração para explorá-los, mas esses recursos são entregues a políticos de quem se duvide que saibam extrair uma raiz quadrada.

Texto 20

O grosso e o fino

William Hanna e Joseph Barbera, criaram Bud Bruntstone, dos quadrinhos e dos desenhos animados. Esse quadrinho apresenta um desenho que se passa na pré-história, as personagens vivem em uma época, mas estão com os mesmos confortos, como, automóvel, televisão, geladeira, telefone, cinema, banheira, latinha de leite entre outros.

Antes dele, outra série de cartoons era bastante famosa, mas muita famosa e até hoje está na praça. É famosa pela má qualidade da época de Daffy Duck, que diziam muita maldade.

O Brasil desenvolveu por o cenário dentro de casa, por que o avança e a modernidade começaram. Não tem com a ideia que passou a São Paulo da República que não mudou.

O País tem recursos tecnológicos em avança e o avança, mas os novos ministros não acreditam na gente, os políticos não dizem novos países tem o JS, computadores, futur, e microondas, mas não tem nada que é o mais importante. Isso representa Bruntstone e Bruntstone na mesma quadrinhos, o grosso e o fino na mesma Brasil profunda.

William Hanna e Joseph Barbera criaram Fred Flintstone, dos quadrinhos e desenhos animados. Esse quadrinho apresenta um desenho que se passa na pré-história. As personagens vivem em uma época, mas eles têm os nossos confortos, como o automóvel, televisão, geladeira, telefone, cinema, elevador, batedeira de bolo entre outros.

Antes dele, outro herói das cavernas era Brucutu, ficou muito famoso e até hoje está na praça. É famoso pela máquina do tempo do prof. Papanatas, e já fizeram muita maluquice.

O Brasil deveria ser o cenário dessas sagas, pois o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que poucos se dão conta da esquizofrenia que isso envolve.

O país tem recursos inimagináveis em energia e ferramentas. Mas os nossos ministérios não acreditam na gente, nossas favelas tem TVs, computadores, gatonet, e microondas, mas não tem esgoto, que é o mais importante. Isso representa Flintstone e Brucutu no mesmo quadrinho, o grosso e o fino no mesmo Brasil profundo.

Texto 21

O governo e o fim

Ruy Castro nos fala de Fred Flintstone e de Brincante, nomes dois desenhos empurram a alta e a baixa tecnologia.

O Brasil poderia ser cenário de nos dois segos simultaneamente, porque aqui o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que pouco se dá conta da desigualdade que isso envolve.

Temos a intima de votasse e apurasse de votos mais confiável do mundo para eleger políticos em que ninguém em si condizência confia.

É Flintstone e Brincante no mesmo quadrinho, o governo e o fim no mesmo Brasil profundo.

Ruy Castro nos fala de Fred Flintstone e de Brucutu, nesses dois desenhos imperam a alta e a baixa tecnologia.

O Brasil poderia ser cenário dessas duas sagas simultaneamente, porque aqui o avanço e a modernidade convivem tão bem com o atraso que poucos se dão conta da esquizofrenia que isso envolve.

Temos o sistema de votação e apuração de votos mais confiável do mundo para eleger políticos em que ninguém em sã consciência confiaria.

É Flintstone e Brucutu no mesmo quadrinho, o grosso e o fino no mesmo Brasil profundo.

Esses três textos são igualmente paráfrases do texto original. Não há nenhuma reflexão do aluno. Não há nenhuma pista de que ele tenha entendido o mecanismo projetivo do autor.

Entendimento textual depois das explicações sobre as estratégias cognitivas

Texto 22

Texto O processo e o fim

O autor do texto compara a alta com a baixa tecnologia citando exemplos de dois inventores: Fred Flintstone e Bruce.

Na verdade ele faz uma crítica, em pleno século XXI com tantas altas tecnologias, ainda há pessoas que elegem candidatos com pouca ou nenhuma experiência, com pouca ou nenhuma leitura. Isso tudo acaba nos prejudicando imensamente. O texto nos mostra que devemos aproveitar todos os avanços que temos e usá-los a nosso favor, evitando apenas pensar qualificados que possam fazer algo de bom a nosso favor.

Nesse texto nos faz refletir e chegar a uma só conclusão, um voto que muito alguém insignificante pode valer muito mais que pensamos.

tilibra

O autor do texto compara a alta com a baixa tecnologia, citando exemplos de dois desenhos: Fred Flinststone e , Brucutu.

Na verdade ele faz uma crítica, em pleno século XXI, com tantas altas Tecnologias, ainda há pessoas que elegem candidatos com pouca ou nenhuma experiência, com pouca ou nenhuma leitura. Isso tudo acaba nos prejudicando imensamente. Ele tenta nos mostrar os avanços que temos e como usá-los a nosso favor, elegendo apenas pessoas qualificadas que possam fazer algo de bom a nosso favor.

Esse texto nos faz refletir e chegar a uma só conclusão, um voto que muitos julgam insignificante pode valer muito mais que pensamos.

O aluno conseguiu perceber a crítica que está subentendida no texto, fazendo a projeção sugerida. Ou seja, nós elegemos políticos sem nenhuma capacidade de nos governar.

Acrescenta também, ao final, seu ponto de vista pessoal:

Esse texto nos faz refletir e chegar há uma só conclusão, um voto que muitos julgam insignificante pode valer muito mais do que pensamos.

Texto 23

RESPOSTA DATA 1/1/1

O ingresso e o fim

O autor compara a forma com que vivemos hoje, com as sagas de Tril Klinton e Brucutu. Pois assim como as sagas, temos tecnologia e ao mesmo tempo um certo atraso.

Temos uma uma avançada, muito segura, mas os candidatos que concorrem nela não possuem qualificação para exercer o cargo pretendido.

Muitos não têm um ensino completo ou são cartistas. Geralmente essas pessoas famosas não fazem mais sucesso, e por este motivo, temos a impressão que só estão ali para aparecer um pouco na mídia.

Mas não são só os candidatos que são ignorantes, as pessoas que votam neles também. Muitos pensam desta forma: "Ele não vai ganhar mesmo, então vou votar nele", mas o problema é que se todo mundo ou a maioria pensar assim, este candidato acaba ganhando. Como foi o caso de Terinica.

Com isso podemos ver que a tecnologia que é tão avançada, para ser perfeita, precisa de uma coisa simples, mas não menos importante, que é a educação.

O autor compara a forma com que vivemos hoje, com as sagas de Fred Flinstone e Brucutu. Pois assim como as sagas, temos tecnologia e um certo atraso.

Temos uma urna avançada, muito segura, mas os candidatos que aparecem nela, não possuem qualificação para exercer o cargo pretendido.

Muitos não têm um ensino completo ou são artistas. Geralmente essas pessoas famosas não fazem mais sucesso, e por este motivo, temos a impressão que só estão ali para aparecer um pouco na mídia.

Mas não são só os candidatos que são ignorantes, as pessoas que votam neles também. Muitos pensam desta forma: “Ele não vai ganhar mesmo, então, vou votar nele”, mas o problema é que se todo mundo ou a maioria pensar assim, este candidato acaba ganhando. Como foi o caso do Tiririca.

Com isso podemos ver que a tecnologia que é tão avançada, para ser perfeita, precisa de uma coisa simples, mas não menos importante, que é a educação.

O aluno compreendeu perfeitamente o mecanismo projetivo proposto pelo autor. Mas fez mais: concluiu, a partir do seu conhecimento enciclopédico de mundo, que o povo brasileiro não escolhe bem seus candidatos porque ele também não tem qualificação para isso, pois faltou-lhe uma boa educação. Além de uma boa reflexão sobre o texto, ele nos mostra que não só entendeu a crítica que está subjacente ao texto, como nos alertou sobre um problema maior. Se não houver um investimento na educação, a tecnologia não poderá ser bem usufruída por nós.

Texto 24

Companheiros do texto

"O grosso e o fino"

O autor do texto compara a pré-história com os tempos de agora, a alta e a baixa tecnologia. Ele fala também que o Brasil convive com essas duas coisas simultaneamente.

Nosso país está bem atrasado no caso da política, elegemos pessoas que não sabem ler e muito menos escrever, pessoas que nos fazem sentir vergonha de sermos brasileiros.

É o pior é que os cidadãos não emergam disso, vivem o futuro do nosso país na brincadeira.

Deixa frito toda a nossa tecnologia não vai passar de uma simples história em quadrinhos.

© 2009 LITIBA

LITIBA

O autor do texto compara a pré-história com os tempos de agora, a alta e a baixa tecnologia. Ele fala também que o Brasil convive com essas duas coisas simultaneamente. Nosso país está bem atrasado no caso da política, elegemos pessoas que não sabem ler e muito menos escrever, pessoas que nos fazem sentir vergonha de sermos brasileiros. E o pior é que os cidadãos não enxergam isso, levam o futuro do nosso país na brincadeira. Desse jeito, toda a nossa tecnologia não vai passar de uma simples história em quadrinhos.

Nesse último texto constatamos que o aluno faz a projeção e percebe a crítica que permeia todo o texto. Além disso, ele usa uma projeção própria para finalizar seu texto: se não somos capazes de eleger pessoas capacitadas para usar nossa tecnologia, então, ela não vai passar de uma simples história em quadrinhos. Pode-se observar que o estudante compreendeu bem o texto e aprendeu a utilizar os recursos argumentativos.

Conclusão

Ao fim deste nosso trabalho, é possível chegar à conclusão da importância de apresentar a alunos do ensino médio — e, certamente também de outros níveis como o fundamental — textos construídos por meio de processos de projeção de uma história sobre outra história numa estrutura de parábola, para dar a eles condições de crescer em sua capacidade de compreensão e interpretação de textos.

Nossa pesquisa mostrou que, apresentando, sem nenhuma explicação, aos alunos textos com duas histórias, uma projetada sobre a outra, o resultado do entendimento limita-se à paráfrase de uma das histórias ou até mesmo de ambas, sem nenhuma inferência de que a primeira explica a segunda. Foi o que demonstrou a análise dos textos que precederam aqueles que foram redigidos depois de explicados os processos de projeção.

Partindo do princípio explicado no capítulo 2, a respeito da importância das histórias e das parábolas em nossas vidas, foi importante constatar que, uma vez mostrada a ligação entre as duas histórias, foi quase imediata a construção pelos alunos de espaços mentais dentro dos quais ambas as histórias acabavam integradas, com peso maior na segunda história.

Constatamos, também, que o conhecimento do professor sobre o mecanismo das metáforas conceptuais com suas diversas funções, como descrito no capítulo 3, e também da teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (capítulos 4 e 5) permite a ele uma avaliação mais produtiva dos textos de seus alunos. É importante o professor perceber que alguns alunos, além de conseguirem projetar uma primeira história em uma segunda, conseguem abrir um novo espaço mental e integrar esse

tudo em sua experiência pessoal, como aconteceu com os autores dos textos 4, 10, 11, 12 e 23.

O domínio da teoria da linguística cognitiva por parte do professor é importante, também, para que ele seja capaz de avaliar momentos em que os alunos conseguem dar um passo a mais na leitura e compreensão de textos, como o que redigiu o texto 6, “puxando” do seu conhecimento enciclopédico de mundo exemplos da própria lavra, certamente adquiridos da mídia ou de conversas com os pais.

Partindo do princípio de que um texto é uma proposta de construção de sentidos e da importância da obtenção de repertórios para a leitura, o conhecimento dos princípios básicos da linguística cognitiva por parte do professor pode ajudá-lo a levar para a sala de aula leituras-suportes vinculadas a assuntos tratados anteriormente e, depois, apresentar novos textos que tratem do mesmo assunto ou de assuntos semelhantes, para avaliar em que medida seus alunos são capazes de, criando novos espaços mentais, integrar esses novos conhecimentos tanto na leitura de textos quando em sua produção. Afinal, todos nós temos, potencialmente, essa capacidade. No texto 11, por exemplo, o aluno construiu um novo espaço mental, integrando informações ligadas possivelmente a histórias infantis. Se o professor souber “atualizar” as informações de seus alunos por meio de leituras, primeiramente de autores infanto-juvenis, e, depois, de autores para público adulto, os textos produzidos por seus alunos ficarão com certeza mais consistentes. Essa atualização deve também ser feita a partir do conteúdo do nosso capítulo 5, levando à sala de aula para análise, textos da mídia, como propagandas comerciais, por exemplo.

Percebemos ainda, durante nossa pesquisa, que é importante pôr foco especial nas estratégias de construção das metáforas, como as primárias (cf. capítulo 3, item 3.5.) e também de “scripts”, para poder orientar os alunos em processos criativos de

construção de referência, como o realizado pelo aluno autor do texto 16 que, depois de retomar anaforicamente *governantes brasileiros* como *comandantes* (coesão léxica) os retoma como “*reis*”, dando um sentido irônico à conclusão do seu texto.

Esta pesquisa demonstrou, a nosso ver, que procedimentos didáticos de ensino de leitura e interpretação de textos fundamentados na moderna ciência cognitiva extrapolam a simples compreensão passiva dos textos, permitindo aos alunos que cresçam também na sua capacidade de produzir textos mais informativos e criativos. E isso seria extremamente bem-vindo num momento em que as médias em compreensão e produção de textos obtidas por alunos brasileiros continuam muito abaixo daquilo que seria desejável, colocando o nosso país numa desconfortável posição internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. S. *Linguagem humana: um sistema complexo*. Em Letras: Campinas: PUC-Campinas. 2006, p. 14-17.

_____. *A arte de argumentar gerenciando razão e emoção*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. *Progressos da lingüística cognitiva e níveis de análise linguística*. ALFA: Revista de lingüística, vol. 47 (2) São Paulo: EDUNESP, p. 9-19, 2003.

_____. *Metonímia: uma visão funcionalista*. In: Fala palavra, Aracruz, ES: Facha, nº 2, p. 66-81, 2002.

_____. *Metáfora: uma visão funcionalista*. In: Letras, Campinas: PUC, vol. 19. nº 1 e 2, p. 95-108, 2000.

CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 2002.

COSCARELLI, Carla V. *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v.5, n.2, p.291-303, 2005.

_____. *Entre textos e hipertextos*. In: COSCARELLI, C.V. (org.). Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *Espaços hipertextuais*. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, jun.2003, FAE – UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. (CD – ROM).

CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press: 2004.

DODGE, E. & LAKOFF, G. *Image schemas: from linguistic analysis to neural grounding*. Em HAMPE, Beate. *From Perception to Meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin – New York, Mouton de Gruyter, 2005.

EVANS, V. & GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. *Espaces mentaux. Aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. (EDS.). *Spaces worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G., *Mental spaces : Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

——— *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

GIBBS, Raymond W. *Embodiment and Cognitive Science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GIBBS JR., Raymond W. *The Poetics of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GIBBS JR., Raymond W. *The psychological status of image schemas*. Em HAMPE, Beate. *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2005.

GIBBS JR, Raymond, LIMA, Paula Lenz Costa e FRANÇOZO, Edson. *Metaphor is grounded in embodied experience*, Journal of Pragmatics, 36, Elsevier, 1189-1210, 2004.

JOHNSON, Mark (1987). *The body in the mind : The bodily basis of meaning, reason and imagination*. Chicago : University of Chicago Press, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. *O texto e a construção dos sentidos* . São Paulo: Cortez Editora, 2002.

-----.(1989). *A Coesão Textual*. São Paulo. Contexto.

-----.(2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora,

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, G. & TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University Chicago Press, 1989. LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

——— *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. (1980). *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, São Paulo: Mercado da Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LAKOFF, G. (1986). “A figure of thought”, in : *Metaphors and Symbolic activity*. 1(3), pp.215-225.

LAKOFF, George. *The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image schemas*. Cognitive linguistics, vol. 01, p.p. 39-74, 1990.

LAKOFF, George, NUÑES, Rafael. *Where mathematics come from?* New York. Basic Books, 2000.

LANGACKER, R.W. *Foundations of cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LIMA, Paula Lenz Costa.. In Moraes Feltes (org.), 2001 «Metáfora e Linguagem, in Moraes Feltes (org.), *Produção de Sentido. Estudos Interdisciplinares*, São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educ, 155-180.

MARQUES, Miguel Nakajima. *Fora dos planos*. In: Rossato, Edson (org). Contos ao mar: antologia de contos e microcontos. São Paulo: Andross, 2006.

PEÑA, M Sandra, *Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language*, *Journal of Pragmatics* 40, Elsevier, 1041- 1066, 2008.

PERELMAN, Chain & TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERELMAN. (1997). *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes.

PLATÃO, F. e FIORIN, J. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001. 4ª edição.

KAPLAN, Robert S. e NORTON, David P. *Estratégia em ação: Balanced Scorecard*, Rio de Janeiro, Elsevier, 1997.

SAINT-EXUPÉRY Antoine, *O pequeno príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosas. São Paulo: Agir, 1990.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STEEN, G.(1999). “*From linguistic to conceptual metaphor in Five steps*”, in: GIBBS, R. e STEEN, G. (orgs) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

STEEN, G. & GIBBS, R. (2002). *Blending and Metaphor*. In: *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins.

TALMI, Leonard. *The fundamental system of spatial schemas in language. From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2005.

TODD, Van Evera Oakley, *What is Cognitive about Rhetoric?* Em <http://ssm.com/abstract=1311322>.²⁰

TURNER, M. *The artful mind: cognitive science and the riddle of human creativity*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

——— *The literary mind: the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

WALTY, I.L.C.; FONSECA, M.N.S.; CURY, M.Z.F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

www.letas.ufmg.br/rbla/2005_2/entrevista.pdf

Revista Veja 10 de junho de 2009.

Revista Veja 5 de maio de 2010.
